A ILHA AZUL

EXPERIÊNCIAS DE UM RECÉM-CHEGADO PARA ALÉM DO VÉU

PARDOE WOODMAN E ESTELLE STEAD

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

A ILHA AZUL

EXPERIÊNCIAS DE UM RECÉM-CHEGADO PARA ALÉM DO VÉU

Comunicado por T. Stead em 1900

Registado por Pardoe Woodman e Estelle Stead

Com carta de Sir Arthur Conan Doyle

ÍNDICE

- Carta de Sir Arthur Conan Doyle
- Prefácio
- Introdução por W. T. Stead
- I. A Chegada
- II. A Ilha Azul
- III. Edifícios Interessantes
- IV. A Vida na Ilha
- V. Vida Íntima
- VI. Vida Íntima (continuação)
- VII. Primeiras Tentativas
- VIII. A Realidade da Comunicação pelo Pensamento
- IX. Observações
- X. O Estado de Liberdade
- XI. Premonições
- XII. Residência
- XIII. Resultados Gerais
- XIV. O Grande Desfecho Final
- XV. Cristo e o Espiritualismo

CARTA DE SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Cara Miss Stead,

Considerei esta narrativa extremamente interessante e útil.

Não disponho de meios para avaliar as condições exatas em que foi produzida, nem até que ponto possam ter estado em atividade influências subconscientes; porém, à primeira vista, falando como crítico literário, diria que a clareza da expressão e a feliz aptidão para as comparações eram muito características do seu pai.

Temos de enfrentar a dificuldade de que os pormenores destas numerosas descrições das esferas seguintes diferem em vários manuscritos; por outro lado, ninguém pode negar que as semelhanças excedem largamente as diferenças.

Devemos recordar que o mundo seguinte é infinitamente complexo e subdividido — «Na casa de meu Pai há muitas moradas» — e que, mesmo neste pequeno mundo, os relatos de duas testemunhas nunca seriam iguais.

Se uma descrição fosse dada por um professor de Oxford e outra por um camponês indiano, as respetivas narrativas da vida neste mundo divergiriam muito mais do que quaisquer duas descrições do mundo vindouro que eu alguma vez tenha lido.

Especializei-me nesse domínio — os fenómenos físicos nunca me interessaram muito — e dificilmente acredito que alguém tenha lido mais relatos, impressos, dactilografados e manuscritos, do que eu. Muitos deles provinham de pessoas que não faziam a mínima ideia do esquema habitual do espiritualismo. Em alguns casos, os médiuns eram crianças.

Surge sempre a mesma ideia: um mundo semelhante ao nosso; um mundo onde todas as nossas capacidades latentes e todas as nossas ambições ocultas encontram oportunidades livres e sem entraves.

Em todos eles se fala de solo firme, de flores e animais familiares, de lares confortáveis, de prazeres humanos e de ocupações agradáveis — tudo muito diferente do céu vago e desconfortável das Igrejas.

Confesso que não encontro em nenhum deles uma referência a um lugar que corresponda exatamente a esta Ilha Azul, embora a cor azul seja, naturalmente, a cor da cura, e uma ilha possa ser apenas uma esfera isolada — a antecâmara de outras.

Acredito que detalhes materiais como o sono, a alimentação, etc., dependem da posição exata da alma na sua evolução; quanto mais inferior a alma, mais materiais serão as condições.

É de enorme importância que a humanidade conheça estas coisas, porque não só eliminam todos os receios da morte, como também podem ser, como no caso do seu pai, da maior ajuda quando alguém é chamado repentinamente para o outro lado e se encontra imediatamente em ambientes familiares, seguro do seu futuro, em vez de atravessar esse desagradável período de reajustamento durante o qual as almas têm de desaprender o que os seus mestres aqui lhes ensinaram e adaptar-se a factos desconhecidos.

Boa sorte para o seu pequeno livro.

Arthur Conan Doyle

Crowborough,
Setembro de 1922.

PREFÁCIO

Quando, em Abril de 1912, o *Titanic* se afundou em pleno oceano e o meu pai transitou para o mundo seguinte, eu encontrava-me em digressão com a minha própria companhia shakespeariana.

Entre os membros dessa companhia encontrava-se um jovem chamado Sr. Pardoe Woodman, que, precisamente no domingo da catástrofe, a previu enquanto conversávamos após o chá.

Não mencionou o navio nem o meu pai, mas recebeu tantas impressões apontando para um desastre no mar e para a partida de um homem idoso intimamente ligado a mim que, quando chegou a triste notícia, percebemos que ele devia ter estado em estreito contacto com o que estava prestes a acontecer.

Menciono este incidente porque constituiu o primeiro elo entre o meu pai e o Sr. Woodman e porque, sendo em grande parte graças às faculdades psíquicas deste último que o meu pai conseguiu transmitir as mensagens contidas neste livro, penso que será de interesse para os leitores e merece ficar registado.

Quinze dias após a tragédia, vi o rosto do meu pai e ouvi a sua voz tão distintamente como a ouvira quando se despediu de mim antes de embarcar no *Titanic*.

Isto aconteceu numa sessão com a Sra. Etta Wriedt, a conhecida médium de voz direta.

Nessa sessão conversei com o meu pai durante mais de vinte minutos.

Tal afirmação poderá parecer extraordinária a muitas pessoas, mas trata-se de um facto confirmado por todos os presentes. Registei-o na época num artigo publicado na *Nash's Magazine*, que incluía os testemunhos assinados de todos os participantes.

Desde esse dia até hoje tenho permanecido em contacto constante com o meu pai.

Tive muitas conversas com ele e recebi comunicações contendo provas muito claras da sua presença continuada entre nós.

Posso afirmar sinceramente que o elo que nos une é hoje ainda mais forte do que em 1912, quando abandonou o seu corpo físico e passou para o mundo espiritual.

Nunca existiu um verdadeiro sentimento de separação, embora inicialmente a ausência da sua presença física tenha sido naturalmente fonte de grande tristeza.

Em 1917, o Sr. Woodman foi dispensado do exército por motivos de saúde e veio viver connosco na nossa casa de campo em Cobham.

Enquanto estava connosco, recebeu a notícia de que o seu grande amigo tinha sido morto na frente de combate e o seu interesse pela possibilidade de comunicação com o mundo seguinte, até então bastante reduzido, tornou-se intenso. Decidiu então investigar pessoalmente.

É quase sempre a partida de alguém amado que fornece o impulso necessário para uma busca sincera.

Pouco tempo depois, o seu amigo conseguiu dar-lhe provas concretas da sua existência continuada e da sua capacidade de comunicar.

As primeiras provas foram dadas através do Sr. Vout Peters, seguindo-se outras por intermédio da mediunidade da Sra. Leonard e de amigos dotados de faculdades psíquicas.

Eu estava presente nessa primeira sessão com o Sr. Peters; o meu pai também estava presente, e o amigo do Sr. Woodman afirmou que fora graças à presença e ajuda do meu pai que conseguira tão bons resultados nessas primeiras tentativas de comunicação.

Pouco depois, o Sr. Woodman descobriu que possuía a faculdade da escrita automática, e o meu pai e outros espíritos passaram rapidamente a escrever através dele.

O meu pai prefere sempre que eu esteja presente, pois, quando não estou, parece ter mais dificuldade e raramente tenta escrever.

Ele explica a necessidade da minha presença da seguinte forma: estamos tão profundamente em sintonia e tão estreitamente ligados que ele consegue retirar muita energia de mim.

Eu funciono como elo de ligação e formo uma espécie de bateria entre ele e o Sr. Woodman.

Limito-me a permanecer sentada passivamente enquanto o Sr. Woodman escreve.

Em geral vejo uma luz à nossa volta e um forte raio luminoso concentrado no braço do Sr. Woodman.

Por vezes consigo ver o próprio pai e, sempre que ele está a escrever, sinto a sua presença de forma muito nítida.

Recebemos muitas mensagens desta maneira.

Durante algum tempo, em 1918, reuníamo-nos regularmente todas as semanas e fomos mantidos informados de muito do que acontecia na frente de combate e do que estava prestes a acontecer. Fomos avisados de acontecimentos vários dias antes de as notícias chegarem pelos meios habituais.

Num caso, o meu pai deu-nos os títulos exatos que apareceriam — e efetivamente apareceram — nos jornais da semana seguinte.

É interessante e importante notar que o Sr. Woodman e o meu pai apenas se encontraram uma única vez antes da morte deste último.

Apresentei o Sr. Woodman ao meu pai pouco antes de este partir de Inglaterra no *Titanic*, e trocaram apenas duas ou três palavras.

Assim, o Sr. Woodman nunca conheceu pessoalmente o meu pai nem teve contacto com os seus escritos ou com a sua obra; contudo, a formulação e o estilo das mensagens são os do meu pai, e até a forma de escrever lhe é característica.

O Sr. Woodman escreve sempre de olhos fechados e muitas vezes mantém um lenço sobre eles.

Algumas das melhores mensagens foram recebidas ao crepúsculo, quando me era impossível acompanhar o que estava a ser escrito; no entanto, as palavras nunca eram sobrepostas.

Por vezes a escrita interrompe-se enquanto o meu pai parece reler o que foi escrito; então são feitas correções, os «i» são pontuados e os «t» devidamente cruzados.

Era hábito do meu pai, quando ainda vivia neste mundo, reler os seus textos para cruzar os «t» e pontuar os «i». Este hábito era conhecido apenas por poucas pessoas e era absolutamente desconhecido do Sr. Woodman.

Duas das mensagens recebidas desta forma já foram publicadas.

Foram transmitidas pelo meu pai para o Dia do Armistício de 1920 e para o de 1921.

Relativamente à primeira, não fazíamos ideia de que ele pretendia transmitir uma mensagem.

Alguns amigos, entre eles o Sr. Woodman, tomavam chá com a minha mãe e comigo no domingo anterior ao dia 11 de Novembro.

Conversávamos sobre diversos assuntos quando senti subitamente o meu pai entrar na sala.

Pela sensação que me transmitiu percebi que desejava que lhe déssemos oportunidade de escrever e que o assunto era urgente.

Foi impossível organizá-lo nessa noite, pelo que marcámos uma sessão para a noite seguinte.

O Sr. Woodman chegou por volta das nove horas.

Conversámos alguns minutos junto à lareira; depois sentimos a chegada do meu pai e sentámo-nos imediatamente.

A atitude dele era exatamente a mesma que tinha quando ainda estava no corpo físico: queria realizar algo importante e tinha de se concentrar apenas nisso.

Mal nos sentámos, a mão do Sr. Woodman começou a mover-se e o meu pai escreveu palavras com o seguinte sentido:

«Tenho a minha mensagem pronta e, se não me interromperem, espero conseguir transmiti-la.»

Escreveu a uma velocidade extraordinária e, em cerca de meia hora, transmitiu toda a mensagem.

Quando terminou, deu instruções para que fosse lida e pontuada, se necessário.

Depois retirou-se sem dizer uma palavra sobre qualquer outro assunto.

Foi uma meia hora exigente para todos nós, mas valeu a pena.

A mensagem foi impressa no dia seguinte e muitos milhares de exemplares foram distribuídos aos visitantes do Cenotáfio nesse ano.

A mensagem de 1921 foi transmitida da mesma forma e milhares de exemplares das duas mensagens, posteriormente reunidas em folheto, foram distribuídos no Dia do Armistício de 1921.

Pouco depois de transmitir essa última mensagem, o meu pai manifestou o desejo de que nos reuníssemos para receber as mensagens contidas neste livro.

Há algum tempo que sentíamos que ele desejava uma série de comunicações, mas pedimos que, se assim fosse, nos enviasse instruções claras através de uma fonte externa.

Foi exatamente o que fez, pedindo à Sra. Kelway-Bamber, autora dos livros de *Claude*, durante uma sessão que esta realizava com a Sra. Leonard, que nos transmitisse que era verdadeiramente seu desejo que nos reuníssemos para uma série de mensagens que, segundo disse, relatariam a sua chegada e algumas das suas experiências do Outro Lado.

Tanto o Sr. Woodman como eu somos pessoas ocupadas e apenas podemos dedicar aos assuntos psíquicos o tempo livre que nos sobra das nossas ocupações habituais; por isso foi difícil encontrar horários adequados.

Assim, passaram-se alguns meses antes de concluirmos a receção das mensagens.

Todas foram recebidas da forma já descrita.

Não foram transmitidas consecutivamente, mas foram dadas instruções precisas quanto à forma como toda a série deveria ser organizada.

A introdução do meu pai explica o objetivo com que escreveu este livro, pelo que não há necessidade de insistir aqui nesse ponto.

Quando começou, tinha em mente uma obra mais extensa, mas decidiu posteriormente optar por um livro curto, por ser mais provável que fosse lido, poder ser publicado a um preço acessível e, assim, ter maiores probabilidades de alcançar mais pessoas.

Todos aqueles que trabalharam com o meu pai neste mundo reconhecerão que tal raciocínio lhe era característico.

A fotografia que serve de frontispício a este volume foi obtida pelo Círculo de Crewe, em Crewe, no Outono de 1915.

Na Primavera desse ano conheci o Sr. Hope e a Sra. Buxton na casa de um amigo comum em Glasgow e eles tiveram a gentileza de me convidar a visitá-los em Crewe, caso surgisse oportunidade.

Pouco depois do meu regresso a Londres, o meu pai pediu-me que organizasse essa visita, pois desejava tentar obter a sua imagem na mesma chapa fotográfica que a minha.

Assim, combinei passar um fim-de-semana com alguns amigos em Crewe e participar em algumas sessões com o Sr. Hope e a Sra. Buxton.

Comprei uma caixa de chapas fotográficas em Londres e levei-a comigo, e posso afirmar com toda a verdade que essa caixa de chapas nunca saiu da minha vista nem da minha posse durante todo o tempo em que lá estive. Cheguei mesmo a dormir com a caixa firmemente apertada nas mãos. Tivemos a nossa primeira sessão no sábado, ocasião em que obtive duas imagens suplementares, nenhuma delas semelhante ao meu pai.

Uma delas era interessante porque mostrava a imagem de uma senhora que tinha aparecido numa chapa juntamente com o meu pai quando este fazia experiências com o Sr. Boursnell na década de 1890. Levei comigo a caixa contendo o restante das chapas depois da sessão; comprei outra caixa de chapas em Crewe e levei ambas as caixas para a sessão de domingo. Não utilizámos de todo a minha primeira caixa nessa sessão, e conservei-a todo o tempo junto ao meu vestido. Sentámo-nos à volta da mesa, colocando as mãos por cima e por baixo da segunda caixa durante alguns minutos; depois segurei a caixa durante um minuto contra a testa da Sra. Buxton. Após isto, fui instruída pelo guia do Sr. Hope a levar eu própria a caixa para a sala escura (note-se que a caixa não tinha sido aberta nem as chapas expostas à luz). Já na sala escura, devia abrir a caixa, retirar as duas chapas inferiores, tendo especial cuidado em verificar qual era a chapa do fundo, e depois revelar ambas. O Sr. Hope devia entrar comigo, mas sem tocar na caixa nem nas chapas.

Cumpri as instruções. Verifiquei que a chapa do fundo nem sequer estava velada e que, na outra chapa, havia duas mensagens: uma do Arquidiácono Colley, lamentando a incapacidade do meu pai para escrever; outra do Sr. Walker, pai do meu anfitrião; e, num dos cantos da chapa, um ténue contorno do rosto do meu pai. Quando regressei aos meus amigos nessa noite, realizámos uma sessão durante

a qual o meu pai expressou o seu profundo desapontamento por não ter conseguido dar a sua imagem.

— É tudo culpa minha — disse ele. — Estou tão entusiasmado com a ideia de obter a minha imagem ao lado da tua, depois de ter sido considerado "morto" durante tantos anos, que quebro as condições; contudo, muitos prometeram ajudar-me amanhã e, se eu voltar a falhar, temos outra coisa preparada para vos transmitir, para que não fiques tão desapontada.

Na manhã seguinte fui à minha última sessão. Foram utilizadas duas das minhas próprias chapas. Em ambas aparecem imagens do meu pai; uma delas é reproduzida neste livro, a outra é um grande rosto do meu pai que me cobre completamente.

Agora, tendo, espero eu, dado uma pequena ideia de como estas mensagens foram obtidas e das razões que nos levam a sentir que elas vêm realmente do meu pai, contento-me em deixar que *A Ilha Azul* faça o resto. Estou certo de que interessará a muitos e, se despertar alguns para uma compreensão mais verdadeira do que está para vir, levando-os a procurar por si mesmos provas mais concretas, então os três principais envolvidos na divulgação destas mensagens ao público — o meu pai, o Sr. Woodman e eu próprio — ficarão amplamente satisfeitos.

E. W. Stead
Setembro de 1922.

PREFÁCIO DE W. T. STEAD

Existe grande apreensão por parte de todos os não iniciados quando entram pela primeira vez em contacto com as forças ocultas, psíquicas ou desconhecidas. Em muitos dos mistérios da vida há grande prazer em investigar o segredo, e o próprio mistério constitui um incentivo à pesquisa e à indagação, à superação do desconhecido e à aquisição de conhecimento sobre assuntos anteriormente não conhecidos nem comprovados.

Contudo, isto não parece aplicar-se quando lidamos com os mistérios que rodeiam a vida após a morte. Há sempre um certo medo.

Frequentemente um medo pessoal, mas por vezes o receio de prejudicar o indivíduo conhecido e amado na Terra. Em si mesmo, isso é um bom sinal; revela altruísmo e, consequentemente, a pessoa que se abstém por essa razão merece esclarecimento. Se estiver suficientemente evoluída para procurar, encontrará esclarecimento.

Na Terra, tornar-se-á um espírito angélico no momento em que morrer. A morte é apenas a porta de passagem de uma sala para outra, e ambas as salas estão mobiladas e organizadas de forma muito semelhante. É isso que desejo que compreendam plenamente; tudo se encontra sob a mesma orientação. A mesma Personalidade governa todas as esferas.

Começando pelo princípio, tenho de vos dizer como um homem se encontra a si próprio aqui à chegada. Como já disse, este livro interessará a muitos e ajudará alguns. É para esses poucos que todos os envolvidos estão a fazer o esforço necessário para o trazer até eles. Não pretende nem afirma seguir linhas científicas. Ao longo de toda a obra, pode aplicar-se o bom senso comum, e não se consegue refutar aquilo que é.

Tratei o assunto de forma muito breve apenas porque muitos lerão um relato curto e conciso, quando não estudariam um relato detalhado.

Tenho de impressionar todos vós, os interessados e os desinteressados, os crentes neste grande tema chamado «espiritualismo» e os céticos, com a necessidade de se lembrarem de que continuam na Terra e de que ainda têm deveres terrenos a cumprir. Têm as vossas vidas quotidianas para viver e devem sempre desempenhar bem o trabalho que têm em mãos.

Nunca negligenciem o presente porque o futuro vos parece mais brilhantemente colorido. Continuem com o dia de hoje, mas mantendo um canto da mente voltado para o amanhã; e lembrem-se também de que o espiritualismo fenomenológico não é para todos. Muitas mentes não conseguiriam absorver a grandeza do assunto juntamente com os factos dos fenómenos e continuar, ainda assim, a sua rotina de forma normal — essas são as pessoas para quem o espiritualismo fenomenológico não é adequado. Farão bem em não ir mais longe no

assunto do que o conhecimento adquirido através dos livros e da experiência dos outros. Nesse sentido, o espiritualismo não é para todos.

W. T. S.

CAPÍTULO I

A CHEGADA

A Ilha Azul

Experiências de um

recém-chegado para além do Véu

CAPÍTULO I

Há muitos anos fui atraído por um artigo publicado acerca de um livro recentemente editado* sobre o tema da comunicação com os espíritos e, depois de ler cuidadosamente o livro várias vezes, fui forçado a admitir a sua solidez. Impressionaram-me as ideias simples e práticas do autor. Esse livro foi a primeira causa do meu interesse ativo por esta grande e extraordinária obra. A partir desse momento fiz tudo o que estava ao meu alcance para provar e promover o movimento.

Muitas pessoas sabem isto; e aquelas que não sabem podem familiarizar-se com os pormenores, se assim o desejarem. Portanto, vou passar imediatamente do meu primeiro interesse terreno pelo ocultismo para o meu primeiro interesse oculto pela Terra.

** Provavelmente Phantasms of the Living.*

Tal como fui dominado pelo espanto e pela satisfação quando alcancei pela primeira vez a convicção na Terra, também fiquei quase igualmente espantado ao chegar a esta terra e descobrir que o conhecimento que tinha adquirido sobre este assunto enquanto estava na Terra era notavelmente correto em quase todos os pontos principais.

Houve grande satisfação em comprová-lo. Fiquei imediatamente admirado e encantado ao encontrar tanta verdade em tudo o que

aprendera; pois, embora acreditasse implicitamente, não estava totalmente livre de sérias dúvidas quanto a muitos pormenores secundários. Daí a minha satisfação geral quando reconheci coisas e características que, embora as tivesse aceitado enquanto estava na Terra, dificilmente esperava encontrar exatamente como agora as encontrava.

Isto deve soar algo contraditório, mas quero que compreendam que as minhas dúvidas terrenas se baseavam no receio de que talvez o mundo espiritual tivesse uma estrutura própria, completamente diferente da nossa mentalidade terrestre, e que, por isso, muitos aspetos nos fossem transmitidos sob uma forma e numa linguagem que nós, na Terra, pudéssemos compreender e apreciar, sem constituírem necessariamente descrições exatas, devido às limitações da expressão verbal terrestre.

Da minha passagem efetiva da vida terrena para a vida espiritual não desejo escrever mais do que algumas linhas. Já falei dela várias vezes e em diversos lugares. A primeira parte foi naturalmente extremamente dolorosa e discordante, mas, a partir do momento em que a minha vida física terminou, deixou de existir aquela sensação de lutar contra probabilidades esmagadoras; mas não desejo falar sobre isso.

A minha primeira surpresa surgiu quando — compreendo agora que, segundo a vossa forma de pensar, eu estava então morto — me encontrei numa posição em que podia ajudar outras pessoas. Passar de uma situação desesperada para a capacidade de estender a mão a outros foi uma transição tão súbita que fiquei franca e completamente surpreendido. Fiquei tão atónito que nem sequer considerei as razões ou as circunstâncias. De repente, podia ajudar. Não sabia como nem porquê e não tentei averiguar. Não houve análise nessa altura; ela veio um pouco mais tarde.

Também fiquei surpreendido ao encontrar comigo vários amigos, pessoas que eu sabia terem falecido muitos anos antes. Essa foi a primeira razão que me levou a perceber que a mudança tinha ocorrido. Compreendi-o subitamente e fiquei ligeiramente alarmado. Praticamente de forma instantânea, dei por mim à procura de mim

próprio. Apenas um momento de agitação, momentâneo apenas, e depois a plena e gloriosa perceção de que tudo o que aprendera era verdadeiro. Ah, como eu precisava de um telefone naquele momento!

Senti que poderia fornecer aos jornais algumas manchetes para a edição da noite. Essa foi a minha primeira perceção; depois veio um sentimento de impotência — uma reação — um pensamento em todos os meus familiares que estavam em casa. Eles ainda não sabiam. O que pensariam de mim? Ali estava eu, com o meu telefone temporariamente fora de serviço.

Ainda estava tão próximo da Terra que podia ver tudo o que ali acontecia. Do lugar onde me encontrava podia ver o navio destroçado, as pessoas, toda a cena; e isso pareceu impelir-me para a ação — eu podia ajudar! ... E assim, em poucos segundos — embora eu esteja agora a levar muito tempo a contar-vos, na realidade foram apenas alguns segundos — encontrei-me transformado de um estado de impotência para um estado de ação; útil, não impotente — e creio que fui realmente útil.

Vou agora avançar um pouco. O fim chegou e tudo terminou. Foi como esperar que um paquete levantasse ferro; esperámos até que todos estivessem a bordo. Quero dizer que esperámos até que a catástrofe estivesse completa.

Os salvos — salvos; os mortos — vivos.

Depois, todos juntos, mudámos de cenário. Foi uma forma estranha de viajar para todos nós, e éramos uma estranha tripulação, rumo a um destino que desconhecíamos. Toda a cena era indescritivelmente comovente. Muitos, sabendo o que tinha acontecido, encontravam-se em angústia, preocupados com as pessoas que tinham deixado para trás e com o seu próprio estado futuro. O que lhes reservaria? Seriam levados para O ver? Qual seria a sua sentença?

Outros estavam quase mentalmente destruídos. Não sabiam nada, pareciam desinteressados por tudo; as suas mentes estavam paralisadas.

Uma estranha tripulação, de facto, composta por almas humanas à espera da sua classificação na nova terra.

Questão de apenas alguns minutos no tempo, e ali estavam centenas de corpos a flutuar na água — mortos — e centenas de almas transportadas pelo ar, vivas; muito vivas, algumas delas. Muitos, ao aperceberem-se de que a morte tinha chegado, enfureciam-se perante a sua própria impotência para salvar os seus bens. Lutavam para conservar aquilo que tanto tinham valorizado na Terra.

A cena a bordo do navio no momento da colisão não foi agradável, mas não era nada comparada com a cena entre as pobres almas recentemente arrancadas dos seus corpos, todas elas contra a sua vontade. Era simultaneamente dilacerante e repulsiva. E assim esperámos — esperámos até que todos fossem reunidos, até que tudo estivesse pronto, e então transferimos a nossa cena para uma terra diferente.

Foi uma viagem curiosa. Muito mais estranha do que qualquer coisa que eu tivesse antecipado. Parecia que nos elevávamos verticalmente pelos ares a uma velocidade tremenda. Movíamo-nos em conjunto, como se estivéssemos sobre uma plataforma enorme, e esta fosse lançada para o alto com força e rapidez gigantescas; contudo, não havia qualquer sensação de insegurança. Estávamos perfeitamente estáveis.

Não posso dizer quanto tempo durou a nossa viagem, nem quão longe da Terra estávamos quando chegámos, mas foi uma chegada gloriosamente bela. Foi como passar da melancolia de um inverno inglês para o esplendor radiante de um céu da Índia. Ali tudo era luminosidade e beleza. Vimos esta terra ao longe enquanto nos aproximávamos, e aqueles de nós que conseguiam compreender perceberam que estávamos a ser levados para o lugar destinado a todas as pessoas que passam repentinamente para o outro lado, devido ao seu apelo geral. Ajuda o recém-chegado, com os nervos abalados, a adaptar-se e a recuperar rapidamente o equilíbrio mental.

Chegámos sentindo, de certo modo, orgulho em nós próprios. Tudo era leveza, claridade. Tudo tão físico e tão material, sob todos os aspetos, como o mundo que acabávamos de deixar para trás.

A nossa chegada foi saudada por muitos velhos amigos e familiares que tinham sido queridos para cada um de nós durante a

vida terrena. E, uma vez chegados, nós, que tínhamos vindo daquele navio condenado pela desgraça, separámo-nos. Voltámos a ser agentes livres, embora cada um estivesse na companhia de algum amigo pessoal que já se encontrava ali há muito tempo.

CAPÍTULO II

A ILHA AZUL

Já vos contei um pouco sobre a viagem e a chegada, e quero agora falar-vos da minha primeira impressão e de algumas experiências. Devo começar por dizer que não sei quanto tempo depois da colisão estas experiências tiveram lugar. Parecia uma continuação sem interrupção, mas não posso afirmar com certeza que assim tenha sido.

Encontrei-me na companhia de dois velhos amigos, um deles o meu pai. Veio estar comigo para me ajudar e, de um modo geral, mostrar-me os arredores. Não havia nada que se lhe comparasse tanto como simplesmente chegar a um país estrangeiro e ter um amigo para nos acompanhar. Essa era a sensação predominante. A cena de onde tínhamos vindo há tão pouco tempo já parecia remetida para o passado. Uma vez aceite a mudança chamada morte, todo o horror da nossa recente experiência desaparecera. Poderia ter acontecido cinquenta anos antes, em vez de talvez apenas na noite anterior.

Consequentemente, o prazer que sentíamos naquela nova terra não era diminuído pela tristeza de estarmos separados dos amigos que permaneciam na Terra. Não direi que ninguém estivesse infeliz; muitos estavam. Mas isso acontecia porque não compreendiam a proximidade entre os dois mundos; não sabiam o que era possível. Porém, para aqueles que compreendiam essas possibilidades, o sentimento era, de certa forma:

— Aproveitemos um pouco desta nova terra antes de enviarmos notícias para casa.

Por isso, havia pouca tristeza na nossa chegada.

Ao relatar estas minhas primeiras experiências, vou fornecer uma certa quantidade de pormenores. O meu antigo sentido de humor continua comigo, felizmente, e sei que aquilo que vou dizer agora provocará algum divertimento naqueles que tratam este assunto com ligeireza; mas isso não me incomoda. Fico satisfeito por encontrarem algo que os faça sorrir — dessa forma, causará impressão neles e, quando chegar a sua própria hora da mudança, reconhecer-se-ão nas condições que vou descrever.

Por isso, a esse tipo de cético apenas digo:

— Está tudo bem, amigo.

E:

— Não me ofendes.

O meu pai, o meu amigo e eu partimos imediatamente. Uma coisa curiosa chamou-me a atenção. Eu estava vestido exatamente como tinha estado antes, e pareceu-me um pouco estranho pensar que tinha trazido a minha roupa comigo! Aí está a primeira observação para si, Sr. Cético!

O meu pai também estava vestido como eu sempre o conhecera. Tudo e todos pareciam completamente normais — exatamente como na Terra.

Saímos juntos e tomámos imediatamente algum alimento e bebida, e, naturalmente, isso foi seguido de muita conversa sobre os nossos amigos comuns, tanto de um lado como do outro. Eu pude dar-lhes notícias, e eles deram-me informações sobre os nossos amigos, bem como sobre as condições que prevaleciam naquele novo país.

Outra coisa que me impressionou foi a coloração geral do lugar. Da Inglaterra seria difícil dizer qual é a impressão dominante de cor, mas suponho que se poderia considerar cinzento-esverdeada. Ali não havia qualquer dúvida quanto à impressão dominante; era indiscutivelmente o azul que predominava. Um tom claro de um azul profundo.

Não quero dizer que as pessoas, as árvores, as casas, etc., fossem todas azuis; mas a impressão geral era a de uma terra azul.

Comentei isto com o meu pai — que, aliás, era consideravelmente mais ativo e mais jovem do que era à data da sua morte; parecíamos mais irmãos do que pai e filho. Falei-lhe dessa impressão azul, e ele explicou-me que, em certo sentido, era realmente assim. Havia uma grande predominância de raios azuis na luz, e era por isso que aquele lugar era tão maravilhoso para a recuperação mental.

Agora alguns dirão:

— Que completo disparate!

Pois bem, não existem na Terra certos lugares considerados especialmente benéficos para esta ou aquela doença?

Então usem o bom senso e compreendam que o passo seguinte após a morte é apenas um passo muito pequeno. Não se passa de uma humanidade imperfeita para uma perfeição divina! Não é assim. Tudo é progresso e evolução e, tal como acontece com as pessoas, acontece também com as terras. O mundo seguinte é apenas um complemento do vosso mundo atual.

Éramos uma população curiosa naquele país. Havia pessoas de todas as condições, de todas as cores, de todas as raças e de todos os tamanhos. Todos circulavam livremente em conjunto, mas existia um forte sentimento de atenção exclusiva a si próprio, de absorção pessoal. Uma coisa má na Terra, mas necessária ali, tanto para o bem geral como para o individual. Não haveria progresso nem recuperação naquela terra sem isso.

Como resultado dessa absorção, reinava uma paz geral entre aquelas muitas pessoas, e essa paz não teria sido alcançada sem esse recolhimento sobre si mesmas. Ninguém prestava atenção aos outros. Cada um vivia para si e quase não se apercebia da presença dos demais.

Não havia muitas pessoas que eu conhecesse. A maior parte daqueles que tinham vindo receber-me desaparecera novamente, e quase não via ninguém conhecido, excepto os meus dois companheiros. Não fiquei triste por isso. Dava-me mais oportunidade para apreciar toda aquela nova paisagem diante de mim.

Havia o mar, e os meus companheiros e eu fomos dar um longo passeio ao longo da costa. Não era como uma estância balnear terrestre, com passeio marítimo e banda de música; era um lugar tranquilo e encantador. Existiam alguns edifícios muito grandes à nossa direita e, à esquerda, encontrava-se o mar. Tudo era luminoso e brilhante e, mais uma vez, aquela atmosfera azul era muito evidente.

Não sei até onde fomos, mas falámos sem cessar das nossas novas condições, dos meus familiares em casa e da possibilidade de os informar sobre a forma como eu me encontrava. Creio que caminhámos uma grande distância.

Se puderem imaginar o vosso mundo comprimido num espaço do tamanho, digamos, da Inglaterra — com representantes de todos os povos, todos os climas, todas as paisagens, todos os edifícios e todos os animais — então talvez consigam formar uma ideia deste lugar onde eu estava.

Tudo isto deve parecer muito irreal e semelhante a um sonho, mas, acreditem, era apenas como estar num país estrangeiro, e nada mais, exceto pelo facto de ser extraordinariamente interessante.

Quero dar-vos uma imagem desta nova terra sem entrar demasiado nos seus detalhes minuciosos.

Por fim chegámos a um enorme edifício, circular e coroado por uma grande cúpula. O seu aspeto geral era o de uma cúpula sustentada por pilares — quero dizer, uma grande cúpula apoiada em colunas vastíssimas, circular e de enormes dimensões.

Também o interior era de um azul maravilhosamente belo. Não era uma estrutura fantástica de modo algum. Era simplesmente um belo edifício, como os que existem na Terra. Não imaginem nada semelhante a um palácio de fadas; não era isso. Mais uma vez, o azul predominava fortemente e transmitia-me uma sensação de energia.

Apeteceu-me imediatamente escrever. Gostaria de ter sido poeta naquele momento, mas, como não era, senti apenas o desejo de me exprimir com papel e tinta.

Permanecemos ali durante algum tempo e tomámos uma refeição muito semelhante àquelas a que eu estava habituado, exceto que não

havia carne. Também ali tudo parecia perfeitamente normal e a ausência de certas coisas que, na Terra, estariam presentes passava despercebida.

O curioso era que a refeição não parecia de todo uma necessidade. Estava ali e todos participávamos nela ligeiramente, mas mais por hábito do que por necessidade. Parecia-me obter muito mais força e energia da própria atmosfera. Atribuí isso à cor e ao ar.

Foi enquanto estávamos nesse lugar que o meu pai me explicou a razão de ser e a função dos diferentes edifícios que eu tinha observado durante o nosso passeio.

CAPÍTULO III

EDIFÍCIOS INTERESSANTES

Considerado como uma refeição — um almoço fora de casa — foi o mais longo que alguma vez conheci e, sem dúvida, o mais interessante. Aprendi imenso durante aquelas primeiras horas com o meu pai. Tudo decorreu sob a forma de conversa, mas foi de grande utilidade para mim e de enorme interesse.

Explicou-me que o lugar onde então nos encontrávamos era uma casa de repouso temporária, uma entre muitas, mas a mais utilizada pelas pessoas recém-chegadas ao mundo espiritual. Era a mais próxima das condições terrestres e era utilizada porque se assemelhava a um local terreno na sua aparência. Havia outros

edifícios usados para o mesmo fim, bem como para outros propósitos; quero dizer com isto que existia mais do que um de cada tipo.

Estas diferentes casas não eram todas iguais; variavam consideravelmente no aspeto exterior, mas não há necessidade de descrever cada uma delas. Dizer que era um grande edifício é suficiente, e por isso devem entender algo semelhante a um museu, uma galeria de retratos ou um grande hotel... qualquer coisa desse género, e estarão suficientemente próximos da realidade.

Mas não havia nada de fantástico nelas nem possuíam características peculiares; por isso, quando digo «edifício», quero simplesmente dizer um edifício.

Existia um grande número destes lugares espalhados por diferentes regiões — não agrupados, mas distribuídos por esta terra.

Parece que todos os sentidos encontram aqui satisfação. O principal trabalho desta ilha consiste em libertar as pessoas da infelicidade causada pela separação dos laços terrenos e, por isso, durante algum tempo, é permitido ao indivíduo entregar-se à maioria dos prazeres da Terra.

Há atrações de toda a espécie para estimular e fortalecer as energias. Qualquer que tenha sido o interesse principal de uma pessoa durante a vida terrena, pode continuar a segui-lo e a dedicar-se-lhe aqui também, pelo menos por enquanto. Todos os interesses mentais e quase todos os interesses físicos podem ser mantidos aqui, por uma única razão: conduzir gradualmente o recém-chegado a uma atitude mental equilibrada.

Existem casas dedicadas ao estudo dos livros, à música, ao atletismo de todas as espécies. Qualquer modalidade física pode ser praticada: pode-se montar a cavalo, nadar no mar. Pode-se desfrutar de qualquer tipo de desporto que não envolva tirar a vida. Em grau menor, até isso pode existir, mas não de forma real; trata-se apenas de uma simulação.

Disto compreenderão que determinados edifícios são destinados ao seu próprio tipo de atividade. O homem que dedicou a vida inteira aos jogos e ao desporto, de corpo e alma, sentir-se-ia inconsolável sem

eles aqui... e pode continuar a praticá-los e a apreciá-los plenamente. Contudo, descobrirá que, com o tempo, o desejo perde intensidade e voltará a sua atenção para outros interesses de forma automática, embora gradual. Pode até nunca abandonar completamente os seus jogos, mas o desejo tornar-se-á menos absorvente.

Por outro lado, o homem que dedicou a sua vida, por exemplo, à música verá o seu desejo, o seu interesse e a sua capacidade aumentarem de forma extraordinária — porque a música pertence a esta terra. Descobrirá que, passando muito tempo numa das casas da música, como inevitavelmente fará se a música for a sua vida, os seus conhecimentos e a sua habilidade aumentam de maneira impressionante.

Depois há o amante dos livros. Também ele encontra uma satisfação intensa nas facilidades que aqui descobre. O conhecimento é ilimitado; obras de valor inestimável, perdidas na Terra, existem aqui. Também ele encontra resposta às suas necessidades.

O homem de negócios, cuja única preocupação na Terra era tornar o seu negócio bem-sucedido, encontrará igualmente campo para exercer as suas capacidades. Entrará em contacto com a casa da organização e descobrirá um trabalho cujo interesse ultrapassa tudo aquilo que poderia ter imaginado durante a sua vida terrena.

Tudo isto é feito por uma razão.

Todos encontram aquilo de que necessitam.

Ao chegar aqui existe frequentemente uma grande tristeza; uma tristeza que por vezes incapacita completamente a pessoa, e não é possível qualquer progresso enquanto o próprio indivíduo não o desejar. O progresso não pode ser imposto.

Assim, no plano da criação, o bendito Criador concebeu este maravilhoso meio de apelar ao principal interesse terreno de cada pessoa. Todos entram em contacto com o maior desejo da sua vida na Terra e recebem oportunidade para lhe dar satisfação; e, dessa forma, o progresso fica assegurado.

Em tudo o que é puramente e exclusivamente terreno, o interesse acaba por diminuir após algum tempo; uma reação, um processo

gradual — nada aqui é dramático — e a pessoa passa então para outro interesse que, na Terra, seria considerado de natureza mental.

Aqueles cujos interesses já pertenciam a esta categoria mental continuarão e ampliarão o âmbito do seu trabalho, progredindo nas mesmas linhas; os restantes mudarão de rumo.

Enquanto permanecem nesta Ilha Azul, todos mantêm um contacto muito estreito com as condições que deixaram para trás. No início, tudo o que é feito tem um carácter simultaneamente útil e consolador; mais tarde existe um processo de refinamento pelo qual é necessário passar.

Ao princípio é possível manter um contacto muito próximo com o lar deixado na Terra, mas, após algum tempo, surge uma reação contra esse desejo de permanecer tão ligado ao mundo terreno. Quando isso acontece, inicia-se o processo de eliminação dos instintos terrestres e carnais. Em cada caso, esse processo segue um percurso diferente e dura períodos diferentes.

Ao tentar explicar os usos desta terra e dos seus edifícios, não os enumerei como «Edifício A» para isto, «Edifício B» para aquilo e mais alguma coisa. Pelo contrário, procurei, de forma conversada, ajudá-los a compreender e a formar uma ideia geral deste país e de algumas das suas condições.

Espero ter tornado claro como, com o passar do tempo, o desejo pelas coisas da Terra acaba por abandonar-nos a todos. Pode demorar pouco ou muito tempo, conforme o temperamento da pessoa.

Tomemos o atleta.

Ele ama os seus jogos, as corridas, a força física e o exercício muscular. Pois bem, amá-los-á aqui tanto quanto os amava na Terra. Na verdade, amá-los-á ainda mais, porque encontrará um prazer acrescido em não sentir fadiga e uma satisfação mais intensa em tudo.

Mas, passado algum tempo, a sua apreciação dessas atividades mudará. Não passará a detestá-las; simplesmente evoluirá para uma forma diferente delas. Uma forma cheia de movimento e satisfação, mas já não física. A sua mente tornar-se-á mais desperta e encontrará

enorme satisfação intelectual nos estudos que se abrirão perante ele acerca dos métodos e meios de deslocação neste mundo.

A locomoção aqui é muito diferente daquela que existe nas condições terrestres, e esse antigo atleta adaptar-se-á gradualmente ao novo ambiente, acabando por compreender que a vida aqui é algo diferente para ele, porque, embora permaneça na mesma linha geral de interesses, contém agora um interesse mental muito maior.

Está claro?

Pois bem, apliquem o mesmo raciocínio a todos os outros tipos de indivíduos.

CAPÍTULO IV

A VIDA NA ILHA

Tendo-vos dado uma pequena ideia desta terra e da sua aparência, quero agora falar-vos da vida das pessoas que aqui habitam, para que possam formar uma imagem mental mais completa.

É natural que muitos perguntem:

— O que fazem eles todos?

Ora, esta é uma pergunta muito ampla, e, para vos ajudar a compreender a dimensão da tarefa que assumo ao tentar relatar a vida futura, vou colocar-vos uma pergunta simples.

Imaginem que nunca viveram na Terra e que, nada sabendo acerca da vida terrestre, são subitamente deixados por uma aeronave

na zona mais movimentada da cidade de Londres, com todo o seu trânsito e todas as suas multidões.

Chegaram de outro mundo e nunca antes viram semelhante espetáculo.

Exclamarão:

— Que estranho! O que estão todas estas pessoas a fazer?

Conseguiriam responder facilmente a essa pergunta?

Não vos diria muito se alguém respondesse que cada pessoa trata dos seus próprios assuntos: um homem faz pão, outro limpa as ruas, outro conduz uma carroça, outro dirige uma empresa a partir de um escritório. Tudo isso seriam factos, mas continuariam sem compreender verdadeiramente o que se passa.

Essa é precisamente a dificuldade que enfrento ao tentar fazer-vos compreender, de maneira satisfatória, a vida desta Ilha Azul. Tenho de encontrar a forma adequada de a explicar.

De nada serviria dizer-vos que uma pessoa passa todo o tempo sentada junto ao mar a chorar pela separação do seu amado, que outra permanece num estado de torpor mental causado pela bebida, ou que uma terceira continua convencida de que está a tocar os sinos da sua capela local ao domingo. Isso não é a vida desta terra; são apenas fragmentos dela. Átomos do conjunto.

Não quero particularizar; quero generalizar, embora com algum detalhe.

Por isso, devo dizer que, se pudessem visitar esta terra nos vossos corpos terrenos atuais, aquilo que mais vos impressionaria seria a ausência de excitação.

Achariam tudo muito semelhante à Terra.

Foi isso que diriam ao regressar:

— Oh, é muito parecido com a nossa vida aqui, apenas existem lá muitas raças diferentes de seres humanos.

A vida quotidiana de cada indivíduo é extraordinariamente semelhante à vida quotidiana a que sempre esteve habituado.

Inicialmente, descansa muito, conservando o hábito terrestre do sono — e trata-se de uma necessidade. Também aqui precisa de dormir, pelo menos por enquanto.

Não temos noite como vocês a têm, mas mesmo assim ele dorme e repousa.

Tem interesses que o levam a visitar diferentes regiões, a explorar a terra e os seus edifícios, a estudar a sua vida animal e vegetal. Tem amigos para procurar e visitar. Tem passatempos a que se dedicar. Tem um novo desejo de conhecimento para alimentar.

A rotina de um dia aqui é semelhante à rotina de um dia na Terra; a diferença está em que, na Terra, essa rotina é muitas vezes imposta pelas circunstâncias, enquanto aqui é determinada pelo desejo de adquirir conhecimento sobre este ou aquele assunto.

Quanto ao vestuário, somos praticamente iguais ao que éramos na Terra e, como existem aqui tantas raças diferentes, podem compreender facilmente que o aspeto geral desta terra é extremamente invulgar e, de certo modo, particularmente interessante, divertido e também instrutivo.

Creio já ter dito que, no aspeto geral, continuamos a ser aquilo que éramos. Estamos apenas a uma curta distância da Terra e, consequentemente, ainda não abandonámos as ideias terrestres. Adquirimos algumas novas, mas descartámos poucas ou nenhumas. O processo de abandono é gradual.

À medida que vivemos aqui, adquirimos conhecimentos de muitos tipos e acabamos por descobrir que muitas coisas anteriormente consideradas essenciais não são apenas desprovidas de importância, mas chegam a tornar-se enfadonhas ou incómodas. É assim que evoluímos até abandonar todos os hábitos terrenos.

Chegamos a um ponto em que não desejamos fumar, não porque não possamos ou porque o consideremos errado, mas simplesmente porque o desejo desapareceu.

Tal como acontece com o tabaco, acontece com a comida e com muitas outras coisas. Sentimo-nos perfeitamente satisfeitos sem elas.

Não sentimos a sua falta; se sentíssemos, tê-las-íamos. E de facto temos essas coisas até ao momento em que o desejo deixa de existir.

No início existe uma liberdade prática de pensamento e de acção, havendo apenas certas limitações impostas — não por regras, mas pelas próprias condições. Dentro desses limites existe liberdade absoluta.

Mais tarde, quando o espírito avança até desejar conhecimento e esclarecimento, é atraído, como um pedaço de aço por um íman, para esta ou aquela casa de organização relacionada com o assunto que deseja estudar.

A partir do momento em que entra em contacto com essa casa, o espírito encontra-se, por assim dizer, «na escola». Necessariamente terá de frequentá-la para receber instrução. Passará aí grande parte do seu tempo a aprender e, quando terminar numa casa, passará para outra.

Mas não se trata de informação imposta; trata-se de conhecimento ardentemente desejado, e nada é dado antes de ser pedido.

Não somos forçados a adquirir coisa alguma.

Somos mais livres do que nunca.

É por isso que, na Terra, é tão essencial que a mente controle o corpo, e não o contrário.

Quando chegamos aqui, a mente torna-se soberana, e tudo depende, para o grau de felicidade que experimentamos, do tipo de mente que trouxemos connosco.

A presença ou ausência de contentamento depende inteiramente da vida terrena que levámos, do carácter que formámos, das oportunidades aproveitadas ou desperdiçadas, dos motivos das nossas ações, da ajuda que demos, da forma como utilizámos a ajuda recebida, da nossa visão mental do mundo e do uso ou abuso que fizemos do poder da carne.

Resumindo tudo isto: depende da qualidade do domínio da mente sobre o corpo, em oposição ao domínio do corpo sobre a mente.

Na Terra importam tanto a mente como o corpo.

Aqui, apenas a mente importa.

Ela permanece inteiramente na nossa posse e encontra-se exatamente no estado em que a deixámos através da vida que vivemos.

Ao chegarmos aqui, o grau da nossa felicidade é determinado automaticamente pelas exigências da nossa própria mente.

Quando sentirem a inclinação para perguntar: «O que estarão eles todos a fazer lá?», pensem antes numa pessoa querida que permaneceu na Terra e que adotou um género de vida invulgar algures no estrangeiro, num lugar onde não mantêm contacto constante e íntimo com ela, e digam:

— Pergunto-me o que estará ele a fazer agora...

E respondam vocês mesmos:

— Suponho que continua a sua vida.

Nós também. Nós, os habitantes da Ilha Azul, continuamos a nossa vida.

CAPÍTULO V

A VIDA ÍNTIMA

Existe muita discussão e argumentação acerca das razões pelas quais, durante a vida terrena, devemos ou não fazer determinadas coisas. Porque devemos abster-nos de muitos dos prazeres da vida quotidiana e porque devemos «seguir o caminho reto».

As pessoas dizem que observar essas «subtilezas morais» constitui uma desvantagem nos negócios ou na profissão. Talvez não confessem esse pensamento abertamente, mas pensam-no para si mesmas. Não compreendem porque é que certas coisas não deveriam ser feitas. É verdade que reconhecem que determinada ação poderá prejudicar um pouco os negócios de outra pessoa, mas consideram que isso é problema dela.

Tudo isto resulta da ignorância.

Existe uma razão, e essa razão pode ser facilmente encontrada através da regra do bom senso.

Quase poderia chamar a isto uma exposição sobre causa e efeito.

A vida terrena deteriorou-se. Todo o plano da criação foi concebido com grande precisão, tendo como objetivo permitir o desenvolvimento e o progresso livres de cada indivíduo. As suas regras foram estabelecidas com clareza. Todo o homem sabe instintivamente quando as está a cumprir e quando as está a desobedecer. Não precisa de um agente da autoridade para lho dizer.

Pode enganar-se a si próprio, convencendo-se de que determinada ação é exatamente aquilo que deveria ser; mas, ao mesmo tempo, sabe na sua consciência que essa ação ou pensamento não é apenas menos do que deveria ser — é precisamente aquilo que não deveria ser.

Digo que toda a humanidade sabe isto; mas a maior parte da humanidade prefere pensar que não sabe.

Nenhuma pessoa na Terra pode levantar-se e dizer que não estou a afirmar aqui uma verdade profunda.

Na maioria dos casos, estas questões não são consideradas do ponto de vista do certo ou errado, mas sim da perspetiva:

— Terei eu vantagem com isto?

Mas afirmo que todas as pessoas na Terra conseguem distinguir — não digo que o façam efetivamente — entre os motivos bons e os motivos menos bons das suas vidas.

O instinto encarrega-se disso. Não podem evitá-lo. Estão obrigadas a saber.

O problema é que a esmagadora maioria, devido à força do hábito, ao desejo de lucro comercial, de prestígio social ou de qualquer outra espécie de ganho — mas sempre um ganho para si própria — deixou de considerar a qualidade das suas ações e pensa apenas no resultado imediato.

É uma pena.

Mais do que uma pena.

Vista a partir da etapa seguinte da evolução, é algo verdadeiramente lamentável.

Pobres egos pouco desenvolvidos, preparando para si mesmos desconforto e sofrimento futuros — não um inferno de fogo, mas uma tortura mental.

O eu, ou espírito, do homem encontra-se encerrado na sua mente e, analisado sob um ponto de vista puramente físico, o cérebro é o órgão mais desconcertante com que a ciência alguma vez teve de lidar.

Muito pode ser compreendido; tudo nunca será.

Considerado como o invólucro e instrumento da alma, torna-se uma obra ainda mais delicada, intrincada e desconcertante.

Todos sabem que a mente é a fonte geradora de todos os atos e feitos, mas não apreciam plenamente o facto de que cada ato e cada pensamento ficam «registados».

Ficam gravados.

Quando compram algo numa grande empresa e não pagam imediatamente, não veem o complexo sistema administrativo que entra em funcionamento. A compra é registada e passa por muitas mãos antes de a fatura vos ser enviada algum tempo depois. Uma vez paga a fatura, esquecem o assunto. Mas os registos da empresa continuam a conservá-lo.

Assim acontece com o cérebro.

Um ato ou um pensamento, qualquer que seja a sua natureza, fica registado para sempre.

O ajustamento das contas virá depois da vida e, quando a dívida estiver paga, o «livro de contas» deixa de incomodar, embora o registo permaneça.

Acompanhem agora o meu raciocínio.

A mente e a sua atividade — o pensamento — constituem a força que impulsiona e cria tudo o que existe na Terra. Tudo tem primeiro de existir mentalmente antes de existir fisicamente ou materialmente.

Todos sabem isso.

Todos os edifícios foram concebidos na mente antes de serem construídos.

O pensamento divide-se em diferentes categorias.

Existe o pensamento sobre a próxima refeição, que não possui grande importância. Existem os pensamentos construtivos e destrutivos. Estes são importantes.

Existem também os pensamentos puramente pessoais. Por vezes são vantajosos; outras vezes não.

Ora, as formas de pensamento verdadeiramente importantes são as construtivas e as destrutivas.

Os pensamentos relativos às refeições, às roupas, à aparência ou a qualquer outra coisa semelhante não têm importância até ao momento em que começam a impedir o fluxo do pensamento construtivo. Quando isso acontece, a sua natureza altera-se e tornam-se destrutivos.

É a materialização do pensamento destrutivo que provoca a maior parte da aflição e da miséria existentes no mundo.

O total acumulado continua a aumentar e continuará a aumentar até que a humanidade, coletiva e individualmente, decida ouvir e procurar compreender um pouco mais sobre si própria, para além do que considera necessário saber para vender os seus produtos, permitindo assim uma expressão mais plena da ação benéfica do pensamento construtivo, o único capaz de redimir e salvar o mundo.

Em grande medida, as dificuldades individuais da vida terrena resultam diretamente do pensamento errado.

Estou plenamente consciente de que as pessoas nascem em condições muito diferentes. Algumas herdam infelicidade e dificuldades dos pais, e o seu destino é mais duro e os seus prazeres menos abundantes do que os daqueles que nascem em circunstâncias mais favoráveis.

Aceitando estas diferenças de posição e de condição — um homem com uma vida de muito trabalho árduo, outro com uma vida

confortável e talvez bastante ociosa — a mesma lei do pensamento aplica-se a ambos.

O homem que cresceu em condições difíceis é forçado pelas circunstâncias a seguir um determinado sulco mental — uma rotina rígida. Não consegue evitá-lo porque raramente são feitos esforços verdadeiros para modificar a sua forma de encarar a vida. Pode receber ajuda material ocasionalmente, mas recebe pouca assistência prática no plano mental.

Encontra-se limitado pelas condições de toda uma vida e permanece na ignorância porque não compreende estas questões e tem poucas oportunidades para aprender acerca delas. Com os seus pensamentos, aumenta as próprias dificuldades em vez de aliviar e eliminar muitas delas.

O outro homem, confortavelmente instalado e sem preocupações especiais, faz exatamente a mesma coisa. Avança pela mesma rotina mental — estagnação, estagnação mental — e os resultados futuros serão semelhantes para ambos.

Ambos estão a construir os seus estados futuros.

Depois existem as pessoas de inteligência aguçada, indivíduos brilhantes que utilizam o cérebro para obter vantagens materiais, sem se importarem com o custo para os outros.

Essas pessoas entregam-se à forma mais ativa de pensamento destrutivo.

Não são como os dois casos anteriores, que são negativos. São vivas, alertas e positivas.

Utilizam simultaneamente pensamento construtivo e destrutivo.

O pensamento construtivo encontra-se completamente mal aplicado e, quando chegarem aqui, o débito da sua conta será muito mais pesado, porque terão construído uma muralha de pensamentos gananciosos que eles próprios projetaram e que terão de resolver nesta nova condição de existência.

Um pensamento — independentemente da categoria a que pertença — que entrou na vossa mente e que foi projetado para fora é um facto consumado, pelo menos do ponto de vista da vossa mente.

A ação física pode ou não acompanhar rapidamente esse pensamento; isso não altera aquilo que estão a construir para vós próprios neste lado da existência.

Uma vez concebido o pensamento, ele está realizado no plano mental e, quer o concretizem ativamente quer não, terão de prestar contas dele quando aqui chegarem.

Não estou a falar dos milhares de pensamentos triviais que atravessam a mente todos os dias, mas daqueles que possuem aquilo a que chamaria personalidade própria.

Dirão que é impossível controlar todos os pensamentos de um dia.

Concordo que é.

Mas, se aceitassem como verdadeiro o que acabo de dizer, passariam a vigiar cuidadosamente as vossas atividades mentais.

Elas importam.

Será difícil aceitar isto porque se trata de algo profundamente íntimo para cada pessoa. Na Terra, não conhecem os pensamentos uns dos outros; por isso dei a este capítulo o título de «Vida Íntima».

Cada um de vós terá um dia motivos para agradecer à pessoa responsável por vos transmitir esta informação, caso atuem de acordo com ela.

E aqueles que ouvirem, compreenderem e, mesmo assim, não aplicarem este conhecimento terão um dia de censurar-se a si próprios por essa falha.

Perceber por si mesmo que se falhou é muito mais amargo do que ter consciência de que os outros o sabem.

Reflitam sobre isto e dialoguem um pouco com o vosso próprio eu interior.

CAPÍTULO VII

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS

Deixando completamente de lado a questão do tempo, como sou obrigado a fazer, quero escrever acerca da minha primeira tentativa de comunicação com o mundo terreno.

Sei que existe muita insatisfação relativamente ao mundo espiritual devido à impossibilidade prática de fornecer ideias exatas sobre a passagem do tempo. Gostaria de dizer algumas palavras sobre isso antes de entrar no assunto principal de hoje.

Não sejam demasiado rápidos a condenar-nos por essa incapacidade.

Na Terra, todos dividem o tempo em dias, horas, etc., mas essas divisões baseiam-se também — ou talvez sejam mais claramente assinaladas na vossa perceção mental — nos hábitos do quotidiano.

Sempre realizaram determinadas atividades a certas horas. Têm um céu iluminado e um céu escuro; mesmo sem relógio conseguem saber aproximadamente a hora do dia pelas vossas inclinações naturais — cansaço ou frescura, necessidade de alimento ou de descanso, e assim por diante.

Ora, deste lado da sepultura não temos verdadeira necessidade de descanso nem de alimento.

Não temos céu escuro — apenas um céu luminoso.

E temos, para os fins desta explicação, uma reserva ilimitada de energia.

Consequentemente, não conseguimos dividir o tempo em intervalos correspondentes aos da Terra.

Também dividimos o tempo, mas não segundo os vossos critérios; por isso raramente conseguimos indicar com exatidão quando uma coisa aconteceu ou quando acontecerá.

Por essa razão, não posso dizer quanto tempo tinha passado desde que cheguei a este país quando fiz a minha primeira tentativa de voltar a estabelecer contacto com a Terra.

Para mim, parecia que sempre tinha vivido nesta terra.

Parecia-me inacreditável que tivessem passado apenas alguns dias desde a minha chegada.

Não me tinha esquecido da minha família nem dos meus amigos, mas sentia uma felicidade muito especial relativamente a eles.

Não sei exatamente porquê, exceto que, ao descobrir que os meus conhecimentos terrenos sobre estas questões estavam tão corretos, senti confiança ao pensar que eles também compreenderiam que tudo estava bem comigo e que este pequeno atraso em escrever era natural, considerando o novo país onde me encontrava.

A casa dedicada a este trabalho na Ilha Azul tornara-se um dos meus lugares favoritos desde que o meu pai me falara dela e da função dos restantes edifícios.

Visitava-a frequentemente e recebia muita ajuda das várias pessoas que a dirigiam.

Eram todas bondosas e muito compreensivas, mas inteiramente profissionais.

Não era simplesmente uma casa de lágrimas e consolação; era um lugar extraordinariamente bem organizado e administrado.

Havia ali muitas centenas de pessoas.

Os que tinham acreditado durante a vida terrena e os que não tinham acreditado vinham tentar enviar uma mensagem para casa.

O apelo do coração era o que recebia a atenção mais séria.

Muitos estavam ali apenas como observadores, incrédulos e trocistas.

Nada obtinham além da satisfação provocada pelo seu próprio espanto.

Passado algum tempo, chegou a minha vez.

Para um edifício dedicado a este tipo de trabalho, pareceu-me surpreendentemente mal equipado.

Esperava encontrar muitos aparelhos e instrumentos, muitos fios, máquinas e a presença de forças elétricas.

Mas não havia nada disso.

Tudo se baseava única e exclusivamente no elemento humano.

Tive ali uma longa conversa com um homem — um homem evidentemente importante, embora eu não possa dizer que parecesse um anjo; tinha um aspeto tão comum e terreno quanto o meu. Conversei demoradamente com ele e foi através dele que soube como uma grande parte deste trabalho era realizada.

Contou-me que existia um sistema de viajantes cujo trabalho se desenrolava muito próximo do plano físico terrestre. Possuíam a capacidade de detetar as pessoas que podiam e queriam ser utilizadas para este trabalho do outro lado. Esses homens conseguiam localizar e catalogar as pessoas na Terra, registando as capacidades de cada indivíduo e, quando um espírito recém-chegado procurava ajuda, utilizavam esses sensitivos terrestres de acordo com as aptidões de cada um.

Este é apenas um esboço muito resumido do trabalho realizado naquele edifício.

Eu ia frequentemente a esse lugar e tentava fazer chegar mensagens à minha família por diversos meios. Em algumas tentativas consegui; noutras falhei. O próprio espírito tem muito a ver com o sucesso ou o fracasso alcançados; muita coisa depende dele.

Sempre que conseguia, ajudava outra pessoa.

Sempre que falhava, procurava ajuda para mim mesmo e recebia-a.

Tendo dedicado muito tempo e estudo a este assunto enquanto estava na Terra, foi-me concedida assistência ilimitada deste lado da linha agora que dela necessitava.

Quero explicar como consegui transmitir algumas das minhas primeiras mensagens e como soube que tinha tido êxito.

Nessa altura já nos tinham ensinado a entrar em contacto muito próximo com a Terra, embora eu não fosse capaz de o fazer sozinho. Tinha um ajudante comigo. Devo chamá-lo um funcionário. Foi ele quem me acompanhou na minha primeira tentativa.

Entrámos numa sala cujas paredes pareciam feitas de musselina. Eram alguma coisa e, ao mesmo tempo, não eram nada. Eu sabia que estava numa casa e tinha consciência das paredes da sala, mas pareciam tão frágeis porque conseguíamos ver através delas e atravessá-las.

Naquela época eu não teria conseguido fazer isso sozinho, mas, acompanhado pelo meu orientador, consegui.

Então começou a tentativa.

Encontravam-se duas ou três pessoas nessa sala, conversando sobre o horror daquela grande tragédia e sobre a possibilidade de os mortos regressarem. Estavam a realizar uma sessão espírita e o meu orientador mostrou-me como tornar a minha presença conhecida.

Disse-me que a força controladora era o pensamento.

Eu tinha de me visualizar entre aquelas pessoas como se ainda estivesse em carne e osso. Devia imaginar-me ali, no centro do grupo, fisicamente presente, e depois imaginar-me ainda ali, iluminado por uma luz intensa.

Criar a imagem.

Manter a visualização de forma deliberada e detalhada, conservando-a fixa na mente, como se naquele exato momento eu estivesse presente e eles tivessem consciência disso.

Falhei, naturalmente, nas primeiras tentativas, mas sei que, após alguns ensaios, consegui e aquelas pessoas viram-me realmente.

Viram apenas o meu rosto, mas isso aconteceu porque, na minha própria visualização, eu me tinha representado apenas como um rosto. Imaginei precisamente a parte pela qual me reconheceriam.

Também consegui transmitir uma mensagem da mesma maneira.

Exatamente da mesma maneira.

Coloquei-me junto da pessoa mais sensitiva presente, falei e concentrei a minha mente numa frase curta, repetindo-a com grande intensidade e deliberação até ouvir parte dela pronunciada por essa pessoa.

Soube então que finalmente tinha conseguido.

E consegui com relativa facilidade porque conhecia intimamente as condições daquelas pessoas e daquela sala terrestre.

Muitos outros, que não possuíam o conhecimento que eu adquirira na Terra, causavam pouca ou nenhuma impressão.

Nenhum membro da minha própria família estava presente nessa ocasião.

Se estivesse, isso teria tornado a experiência impossível para mim, porque eu sentia então profundamente a sua dor e não teria conseguido concentrar a mente com a mesma força.

Tornei-me quase impessoal.

Foi uma coisa boa que a minha primeira tentativa tivesse sido apenas um ensaio — uma experiência para verificar se conseguia abrir caminho até casa.

CAPÍTULO VIII

A REALIDADE DA COMUNICAÇÃO PELO PENSAMENTO

Ao tentarem estabelecer uma forma definida de comunicação entre a esfera terrestre e a Ilha Azul, as pessoas estão quase sempre à espera do regresso da parte física do indivíduo.

Têm enorme dificuldade em aceitar até mesmo as mais convincentes provas mentais como evidência de comunicação e, ao atribuírem tanta importância à forma física, quase todas ignoram a comunicação através do pensamento, que é muito mais pessoal e muito menos contaminada por influências externas, como a mente do médium, a dos restantes participantes, a hostilidade ou a predisposição favorável.

Esta comunicação pelo pensamento é uma forma muito mais real do que a maioria dos que acreditam na sua possibilidade está disposta a admitir.

Quando concentram a mente numa determinada pessoa que se encontra no mundo espiritual, estão a emitir forças reais, vivas e ativas.

Essas forças atravessam o espaço exatamente da mesma forma que as ondas elétricas e nunca falham o seu alvo.

Concentram-se no Sr. A, no mundo espiritual, e imediatamente o Sr. A toma consciência de uma força que chega até ele.

Nesta terra somos muito mais sensíveis do que éramos enquanto vivíamos na Terra e, quando os pensamentos nos são dirigidos por pessoas do vosso lado, recebemos um apelo direto dessas correntes de pensamento geradas por elas.

Assim, quase sempre conseguimos aproximar-nos da pessoa que pensa em nós e, quando estamos próximos e adaptados às suas condições, podemos impressionar a sua mente com pensamentos e ideias.

Raramente ela os reconhecerá como aquilo que realmente são; pensará que se trata de pensamentos seus ou talvez de alguma espécie de imaginação.

Apesar disso, se a oportunidade se repetir frequentemente, ficará surpreendida com a quantidade de informações que poderá registar.

Isto aplica-se a todos, não apenas aos que acreditam nestes assuntos.

Qualquer pessoa que se detenha por um momento e permita que a sua mente se fixe numa pessoa querida que tenha «morrido» atrairá efetivamente o espírito dessa pessoa para junto de si.

Pode estar consciente ou inconsciente dessa presença, mas a presença existe.

Se as pessoas na Terra compreendessem o efeito que os seus pensamentos exercem sobre aqueles a quem se dirigem, seriam muito mais cuidadosas ao permitir que a mente vagueasse livremente.

Existem inúmeros pensamentos possíveis e todos eles ficam registados aqui.

Muitos afetam as pessoas a quem se referem, mas todos afetam aqueles de quem emanam.

Talvez, ao dizer-vos que todos os pensamentos ficam registados, eu esteja a tornar mais difícil a compreensão do que pretendo explicar.

Será melhor esclarecer que, ao falar de «todos os pensamentos», me refiro sobretudo aos pensamentos diretos.

Na realidade, todos os pensamentos são registados; contudo, os pensamentos pessoais, como já expliquei anteriormente, não têm importância enquanto não forem autorizados a transformar-se em pensamentos destrutivos.

Ao falar de pensamento direto, quero que compreendam que me refiro a pensamentos positivos dirigidos a outras pessoas, agradáveis ou desagradáveis, e não aos pensamentos banais da vida diária.

Muitas pessoas consideram impossível acreditar que cada pensamento direto que têm fique registado, que possa influenciar a pessoa a quem se refere ou regressar para influenciar quem o produziu.

Mas é exatamente assim.

Todos conhecem a influência irradiada por uma pessoa profundamente deprimida ou extraordinariamente feliz e entusiasmada.

Cada um de vós já sentiu essa influência.

Ela resulta das vibrações mentais diminuídas ou elevadas, que emitem correntes particularmente fortes de depressão ou felicidade.

Estas correntes são igualmente fortes em si mesmas, embora atuem de forma diferente sobre as pessoas com quem entram em contacto.

É assim que atuam todos os pensamentos diretos.

Frequentemente, a pessoa visada não tem consciência desses pensamentos, mas a influência existe, subtilmente, com maior ou menor intensidade, e todos esses pensamentos permanecem claramente registados na mente de quem os produziu muito depois de o acontecimento em si ter passado.

Quando chegamos a esta terra, todo esse registo tem de ser enfrentado.

Não perante um juiz de toga e peruca, mas perante o nosso próprio ser espiritual.

Na vida espiritual possuímos uma recordação completa e clara de todas essas coisas e, de acordo com a qualidade desses pensamentos individuais, somos conduzidos a estados de arrependimento, felicidade ou infelicidade, desespero ou satisfação.

É então que surge o desejo de reparar, de corrigir todo o desconforto e sofrimento — pequenos ou grandes — causados pela ação irrefletida da mente durante a vida terrena.

É por isso que afirmo que, enquanto estiverem na Terra, não é apenas aconselhável, mas essencial, manter a mente disciplinada e ordenada.

É simplesmente uma questão de sabedoria.

A dificuldade está no facto de as pessoas não quererem reconhecer isto durante a vida terrena, embora saibam, no íntimo da sua consciência, que estou a dizer a verdade.

Quero que todos procurem compreender os resultados que estão a produzir, a infelicidade que causam aos outros e o arrependimento e sofrimento que acumulam para si próprios no mundo futuro, quando tiverem de enfrentar as condições que criaram.

Lembrem-se de que as vossas mentes são as centrais geradoras.

Estão a construir aquilo que será a vossa próxima condição exatamente através da vida que levam na Terra, dos vossos pensamentos e do grau em que permitem que o corpo controle a mente em vez de a mente governar soberanamente.

Enquanto estão na Terra são Corpo (Físico), Alma (Mente) e Espírito (Eu).

Quando chegam aqui são apenas Mente (Alma) e Espírito (Eu).

Por isso, para a vossa felicidade futura, é essencial que a mente governe durante a vida terrena.

Compete-vos decidir se assim será.

Se estão dispostos a pagar a conta quando chegarem ao outro lado, continuem exatamente como estão; mas não existe mais crédito. Aqui terão de liquidar tudo.

Se forem apenas um quarto tão práticos quanto acreditam ser, garantirão que a mente assuma a liderança.

Ela pode conduzir-vos de forma muito agradável, embora talvez imaginem que conduz apenas à restrição religiosa.

Não é assim.

Ela conduz a todos os prazeres da Terra, a todas as alegrias da Terra, mas conserva sempre a autoridade suprema e sabe parar no momento certo.

O corpo não sabe.

Por isso acumula dívidas que têm de ser pagas, por vezes de forma muito cara e muito amarga.

A Terra foi criada bela para que o Homem a desfrutasse — não apenas para o provocar, atraí-lo e depois dizer-lhe «Não».

Essa não é a maneira de agir do nosso bendito Criador.

Ele concedeu a beleza e a capacidade de apreciar a beleza a toda a humanidade e, enquanto a mente governar, tudo continuará a ser beleza.

Mas quando apenas o corpo governa, influenciando e degradando a mente como inevitavelmente fará, então os problemas estão à frente.

Muitos problemas.

E muito arrependimento profundo.

Aqui, as nossas mentes funcionam da mesma forma e obedecem às mesmas leis. A presença ou ausência do corpo não impede a nossa capacidade de pensar e, consequentemente, não existe dificuldade em entrar em contacto com algumas das pessoas que deixámos para trás e permanecer intimamente ligados a elas, influenciando-as profundamente, embora muitas não tenham consciência disso.

Quero que pensem nisto e compreendam que as vossas próprias pessoas queridas podem aproximar-se de vós, que o pensamento é todo-poderoso e que, através dele, podem construir ou destruir, ajudar ou impedir, atrair para junto de si ou afastar de si tanto os encarnados como os desencarnados que foram e continuam a ser tão queridos para cada um de vós.

A comunicação pelo pensamento é a ligação mais próxima entre os dois mundos.

Mas exige uma atividade mental bem ordenada e bem treinada.

Não imaginem que cada ideia que surge na vossa mente é colocada ali por um espírito.

Não é assim.

Mas, ao mesmo tempo, se treinarem a mente da mesma forma que um atleta treina o corpo, poderão então pedir e receber grande conhecimento e muita ajuda, tanto espiritual como material.

CAPÍTULO IX

QUESTÕES

Um tema desta importância e interesse está repleto de interrogações. Cada pessoa tem as suas próprias perguntas a fazer e cada uma apresenta aquilo que considera ser um ponto ainda não observado. Gostaria, se possível, de responder agora a algumas dessas questões que surgem repetidamente.

Durante as minhas investigações na Terra fizeram-me muitas perguntas e algumas delas posso finalmente responder.

Quero que compreendam, antes de mais, que a mudança chamada morte não vos transforma imediatamente numa parte da Divindade. Os mistérios da vida não vos são revelados como uma espécie de presente de boas-vindas à chegada a este mundo.

Não devem pensar que eu, ou qualquer outra pessoa, adquirimos conhecimento completo sobre todos os assuntos, profundos ou triviais, no instante em que entramos na vida espiritual.

Não posso dizer-vos quando o vosso neto precisará do próximo par de sapatos... nem posso indicar-vos a solução da questão irlandesa.

Posso apenas ver um pouco mais longe do que vós e não possuo, de modo algum, a chave da porta de Todo o Conhecimento e Toda a Verdade.

Essa é uma conquista pela qual cada um de nós tem de trabalhar.

À medida que atravessamos uma porta, encontramos outra diante de nós para ser aberta... e depois outra... e outra.

Mas, por outro lado, lembrem-se de que sei consideravelmente mais do que vós, porque estou em contacto mais íntimo com a Fonte Principal do conhecimento e porque já atravessei uma experiência que ainda se encontra à vossa frente.

Gostaria de falar primeiro sobre a palavra «condições» e o seu verdadeiro significado.

É uma palavra grosseiramente mal utilizada em todas as formas de trabalho psíquico. É apresentada como explicação para este ou aquele fracasso, para um sucesso ou para qualquer peculiaridade nos resultados. É encarada como algo necessário em qualquer sala onde se realize uma reunião.

Por vezes corretamente; na maioria das vezes, incorretamente.

O factor principal para obter bons resultados reside muito mais na condição mental da pessoa presente do que na sala onde ela se encontra.

A atitude mental e o estado físico dos participantes têm muito mais importância do que cortinas pesadas, tapetes espessos, perfumes exóticos e outras coisas semelhantes.

O que importa principalmente é a forma de abordagem mental.

Este é um aspeto frequentemente ignorado até por sensitivos de primeira ordem.

Certos elementos adicionais, quando corretamente utilizados e adequadamente distribuídos pelo ambiente — um rosto alegre, flores agradáveis, riso e luminosidade — podem ser úteis, mas não constituem o essencial.

Algumas pessoas procuram sempre ridicularizar a comunicação com o mundo seguinte, uma das maiores bênçãos concedidas por Deus à humanidade, e queixam-se daquilo que consideram serem condições absurdas numa sessão espírita.

Muitas dessas condições, como já disse, não têm significado e por vezes constituem até um obstáculo; mas, ao mesmo tempo, outras são necessárias, conforme o tipo de comunicação procurado.

Para esclarecer este ponto, devo recordar-vos como as condições governam tudo.

Tudo depende tanto de condições adequadas que as pessoas nem sequer se apercebem disso.

O exemplo mais simples e talvez mais útil é preparar uma chávena de chá.

O chá tem de estar numa determinada condição; a água também. Caso contrário, o resultado será mau.

O mesmo acontece com as flores.

As sementes encontram-se numa determinada condição de secura e são colocadas na terra numa determinada condição climática, própria da estação do ano. Depois de plantadas, cuidamos delas de acordo com as condições que exigem.

Nós também exigimos condições.

Porque haveriam de pensar que este grande trabalho científico pode ser governado ou dominado por mãos inexperientes a qualquer momento e de qualquer maneira?

Não podem esperar isso razoavelmente e, se o fizerem, não obterão resultados.

As condições governam a Terra e todas as formas de vida nela existentes, desde antes mesmo de surgir a consciência.

Mas digo-vos que muitas das condições exigidas por trabalhadores inteligentes neste campo são inúteis e, pior ainda, prejudiciais.

Não se pode alcançar o sucesso em qualquer atividade dirigindo a própria energia em oposição à inteligência.

Muitos fazem exatamente isso neste assunto, e é essa a razão de tantos fracassos.

É o mesmo que tentar tirar uma fotografia sem colocar película na máquina e, por não obter resultado, concluir que todo o processo é impossível e fraudulento.

São necessárias condições para alcançar sucesso em qualquer coisa.

É precisamente por falta dessas condições necessárias que por vezes falhamos ao tentar influenciar uma pessoa a fazer ou deixar de fazer determinado ato.

Um pai, na vida espiritual, pode estar perfeitamente consciente de que o seu filho está a considerar cometer um ato grave — suicídio, homicídio ou algo semelhante.

Tal conhecimento provoca grande sofrimento ao pai, que fará tudo o que estiver ao seu alcance para influenciar o filho, orientar os seus pensamentos e destruir a ideia que este alimenta.

Mas, nessas ocasiões, o filho encontra-se normalmente num estado anormal de excitação que quase sempre impede que a nossa influência o alcance e produza efeito.

Não é uma situação feliz para o pai, porque ele tem plena consciência dos atos do filho e, contudo, é impotente para os impedir.

Na ação somos livres.

Absolutamente livres.

Concluímos os nossos estudos na Escola Azul.

Somos livres para visitar outras esferas.

Terras onde muitos, poucos ou mesmo nenhum dos nossos entes queridos se encontram.

Podemos ir até eles e receber ajuda dos mais desenvolvidos, bem como oferecer ajuda aos menos afortunados.

Ajuda através de conselhos, demonstrações e companhia.

Continuamos a viver na Ilha Azul; ainda não passamos para a esfera seguinte como residência permanente.

Assim como podemos viajar entre essas outras terras, também podemos manter contacto constante com a Terra.

Os pensamentos que nos são dirigidos pelos que permanecem aí chegam até nós, e conseguimos perceber de quem provêm, podendo seguir essa pessoa, se assim o desejarmos.

Não recebemos todos os pensamentos de qualquer pessoa que veja o nosso nome e faça uma observação casual, mas qualquer pensamento vindo de alguém com quem mantivemos uma ligação

íntima na Terra chega-nos diretamente, como se percorresse um fio telefónico de uma casa para outra.

E, se quisermos, podemos ir até essa pessoa.

É desta forma que ajudamos aqueles que deixámos para trás.

Podemos acompanhar as suas ações e os seus pensamentos e influenciá-los de uma forma ou de outra, de acordo com aquilo que julgamos ser o seu bem.

Mas não podemos fazer o impossível, nem sequer pelos que mais amamos.

Enquanto estavam na Terra, podiam dar conselhos, mas não obrigar ninguém a segui-los.

Da mesma forma, aqui podemos influenciar, mas não criar.

Uma vez alcançado este estado, não existe separação nem ferrão na morte.

Podemos estar com aqueles que estão acima de nós, ao nosso lado, abaixo de nós e também com aqueles que permanecem na Terra.

As separações só existem pela lei da atração e do afeto.

Deixamos na Terra pessoas que nos choram por dever, que se sentem sinceramente perturbadas pela nossa perda; mas, depois de algum tempo — curto ou longo — a recordação que têm de nós enfraquece.

Deixam de pensar em nós, de nos recordar e de evocar a nossa companhia.

Essas são as únicas separações.

Nalguns casos, essas mesmas pessoas regressam às nossas vidas quando chegam a esta terra.

Gradualmente, à medida que se libertam das influências que obscureciam a sua memória de nós, reencontram os alicerces da antiga afeição.

Por vezes ela permanece intacta; por vezes está danificada.

Mas estas são as únicas separações.

CAPÍTULO X

O ESTADO DE LIBERDADE

Tudo é ordenado.

Já falei brevemente da minha chegada e da impressão que me causaram os novos arredores, bem como da minha primeira tentativa de regressar à Terra e da forma como isso aconteceu.

Sem recorrer a fórmulas técnicas ou científicas, creio ter-vos fornecido uma imagem razoavelmente fiel e uma ideia geral do passo seguinte à vida terrena.

Aquilo que disse aplica-se a toda a raça humana.

Brancos, negros e amarelos — não existe diferenciação.

A mesma lei aplica-se a todas as raças da humanidade.

Vou agora avançar para uma fase posterior.

Talvez volte mais tarde a falar da Ilha Azul, mas, por enquanto, deixarei que a vida aí prossiga o seu curso e ocuparei a minha atenção com um estádio mais avançado de desenvolvimento: o estado em que nos libertamos da maior parte dos instintos terrenos.

Uma vez libertos deles, conseguimos passar com relativa facilidade e quase à vontade de uma esfera para outra e dessas esferas regressar à Terra, mantendo assim uma associação estreita com aqueles dos nossos entes queridos que o desejam.

Ajudamo-los influenciando a sua vida diária e as suas ações, sem que isso atrase de forma alguma o nosso próprio trabalho, desenvolvimento e formação do carácter.

O carácter é o principal objeto de estudo.

Enquanto estive na Ilha Azul, estudei, como todos os outros, os segredos do eu e da vida, e comecei a compreender a imensidão da Criação.

Não existe apenas a vida na Terra e depois a vida nesta ilha.

À medida que progredimos e abandonamos as inclinações e hábitos terrenos, outros interesses ocupam o seu lugar, e então nasce o desejo do verdadeiro conhecimento.

Tal como aconteceu com os outros, aconteceu comigo.

Também eu me adaptei e, à medida que aprendia, progredia.

A capacidade para a sabedoria crescia juntamente com a sabedoria adquirida.

Aprendi que existiam outras terras para além desta ilha.

Houve uma época em que isso me parecia tão inacreditável como a existência desta terra parece agora a muitas pessoas na Terra.

Mas acabou por chegar o momento em que fui conduzido a essas outras esferas.

Não posso dizer onde se encontram, mas foi como viajar entre as estrelas.

Parecia que deixávamos o nosso mundo e atravessávamos o espaço até alcançar outra estrela, outra terra.

Existem várias destas outras terras, habitadas por antigos seres humanos que progrediram o suficiente para serem admitidos nesta ou naquela região.

Quase todas estas terras são habitadas por uma forma de vida mais elevada, mais feliz e individualmente mais poderosa. Contudo, existem uma ou duas terras de ordem inferior, onde a felicidade é

menor ou mesmo inexistente, conforme a vida terrena tenha sido bem ou mal orientada.

Nessas regiões, as pessoas que ali se encontram falham repetidamente em encontrar dentro de si o espírito necessário para desejar elevar-se, melhorar-se e dominar-se, embora a força necessária lhes seja oferecida, oferecida novamente e até praticamente imposta.

Todas as raças possuem o dom do livre-arbítrio.

Todas são agentes livres na determinação do seu próprio destino.

Sempre o foram, não apenas após a morte do corpo.

Tal como um pai e uma mãe organizam a rotina diária dos seus filhos e depois lhes permitem divertir-se à sua maneira, assim também as raças humanas são livres para desenvolver e moldar as suas vidas segundo os seus próprios padrões individuais, desde que respeitem certas regras.

Toda a vida é originalmente livre, mas, enquanto vive na Terra, devido à falta de compreensão e à má gestão de si próprio, o indivíduo frequentemente imagina que não é um ser livre, dotado de livre-arbítrio.

Mas é.

Tal como os pais influenciam e orientam os filhos por amor, assim também nós, quando aqui chegamos e nos tornamos capazes, fazemos tudo o que podemos para ajudar e influenciar aqueles que amamos e que ainda permanecem na Terra.

É sempre o amor que constitui a força motriz do nosso trabalho.

Podemos manter contacto estreito com os nossos entes queridos na Terra e, através da sugestão e da associação íntima, podemos influenciá-los.

Por intermédio dessa influência, frequentemente lhes chegam benefícios materiais consideráveis.

Nós, espíritos, não podemos conceder riqueza material a ninguém na Terra, mas podemos muitas vezes aconselhar qual é o melhor passo

a dar num determinado assunto de negócios e, se esse conselho for seguido, poderá resultar numa prosperidade material significativa.

Tal como podemos influenciar espiritualmente, também podemos influenciar questões práticas e comerciais.

Nós, deste lado, conseguimos ver ambos os lados de uma questão.

Quando uma decisão deve ser tomada entre duas pessoas, conseguimos compreender os dois pontos de vista e, por isso, discernir qual está certo. Se agirmos corretamente, colocaremos a nossa influência ao lado daquilo que consideramos justo, quer isso beneficie ou não, materialmente, o nosso amigo na Terra.

Se procedermos dessa forma e o nosso amigo sofrer perdas ou dificuldades por causa disso, acabaremos invariavelmente por compensá-lo mais tarde de outra maneira.

Mas, se utilizarmos a nossa influência contra a nossa própria convicção apenas para favorecer esse amigo, então seremos nós a pagar por isso aqui, enquanto ele, tendo beneficiado injustamente, terá de pagar mais tarde, quer ainda esteja na Terra, quer já se encontre na vida espiritual.

Mais cedo ou mais tarde terá de restituir o que recebeu indevidamente.

Não existe fuga possível.

É um processo automático.

Ao dizer que podemos e efetivamente influenciamos as pessoas na Terra, não pretendo explicar em detalhe o mecanismo exato dessa influência.

Basta dizer que sabem como os seres humanos se influenciam mutuamente na Terra.

Aqui, o resultado é semelhante, embora o processo seja completamente diferente.

Mas essa é uma questão que cada um de vós compreenderá pessoalmente mais tarde, quando chegar a vossa própria mudança; por isso, não é necessário nem particularmente útil conhecê-la agora.

Existe na Terra um ditado que afirma que «os acontecimentos futuros projetam as suas sombras à frente».

É verdade.

Eles projetam efetivamente as suas influências, e as pessoas sensíveis conseguem registá-las e muitas vezes adivinhar a sua origem.

CAPÍTULO XI

PRESSENTIMENTOS

Existem muitas superstições e muitas explicações para aquilo que se chama «pressentimento», mas, em quase todos os casos, a sua origem pode ser atribuída à telepatia.

Há muitas formas de simpatia mental.

A forma mais comum de pressentimento é aquela que diz respeito à morte de um amigo ou familiar.

Ora, quase sempre isso pode ser explicado pela telepatia.

Poderão argumentar que a pessoa prestes a morrer não antecipava a própria morte. Pode tratar-se de um acidente súbito e, apesar disso, determinada pessoa teve um sinal ou pressentimento dias ou semanas antes.

Para explicar:

O Sr. A tem um pressentimento relativamente à morte do Sr. B.

Mais tarde, o Sr. B morre num acidente.

Os amigos espirituais interessados no Sr. B acompanham-no continuamente e observam-no para lhe serem úteis sempre que possível. Contudo, não conseguem obrigá-lo a agir desta ou daquela maneira; apenas podem influenciá-lo.

Ora, todas as ações da vida do Sr. B produzem determinados efeitos, alguns dos quais ele próprio não percebe imediatamente.

Os seus amigos espirituais percebem-nos.

E conseguem ver, até certo ponto no futuro, quais serão os resultados dessas ações e da orientação geral da sua vida.

Desta forma conseguem prever aquilo que acontecerá ao Sr. B e, embora façam tudo o que podem para o orientar, não podem agir por ele.

É ele quem põe o seu destino em movimento e apenas ele o pode alterar.

Nessas circunstâncias, os amigos espirituais, ao aperceberem-se de que o Sr. B se encontra em perigo físico, fazem tudo o que podem para desviar os seus movimentos e decisões.

Por vezes conseguem.

Neste caso específico, não conseguem, e o Sr. B encontra a morte.

As influências utilizadas pelos espíritos criaram à sua volta uma perturbação do campo de forças mentais e, embora o próprio Sr. B não estivesse consciente disso, o seu amigo Sr. A captou essa perturbação na sua mente.

Ela reproduziu-se durante o sono sob a forma de sonho ou de visão construída pelo poder do pensamento e materializada através da força física do próprio Sr. B.

A distância entre A e B não faz qualquer diferença.

Os pressentimentos relacionados com planos ou compromissos que acabam por não se concretizar resultam da influência dos amigos

espirituais, que procuram constantemente orientar aqueles de quem cuidam para o seu maior benefício.

Desta forma podem compreender a causa de todos os chamados pressentimentos.

Em cada caso trata-se de amigos espirituais que tentam comunicar com a pessoa principalmente envolvida.

Muitas vezes essa pessoa não regista a mensagem, enquanto outra pessoa a capta facilmente.

CAPÍTULO XII

RESIDÊNCIA

Chego agora aos últimos dias passados na Ilha Azul e à instalação da nossa residência no mundo seguinte, muito mais permanente.

A Ilha Azul representa uma existência transitória; é uma terra destinada a aclimatar o recém-chegado e, assim que este está preparado, passa dela para aquilo a que eu chamaria o Mundo Real, visto que cada pessoa permanecerá nele muito mais tempo do que alguma vez permaneceu na Terra.

Podemos regressar livremente à Ilha Azul e muitos fazem-no frequentemente, tanto para receber amigos recém-chegados como para ajudar qualquer pessoa ou grupo com quem sintam afinidade.

Mas essas são apenas visitas.

Nunca mais regressamos para lá viver.

A forma de viajar aqui é muito diferente daquela que conhecem na Terra.

Partimos todos juntos num grande grupo rumo ao Mundo Real.

Não se tratava do mesmo grupo que chegara inicialmente, porque muitos ainda não estavam preparados para partir; mas viajavam connosco muitos outros espíritos que não tinham vindo no nosso grupo original.

Havia a mesma sensação de voo, de movimento rápido através do ar.

Depois chegámos ao nosso novo lar.

Após as cores vivas e o aspeto impressionante da Ilha Azul, esta nova terra pareceu inicialmente menos atraente.

As cores eram mais discretas e as pessoas pareciam mais absorvidas nas suas ocupações habituais.

Dava a impressão de termos regressado à vida terrena, de tão semelhante que tudo era.

Penso que, ao chegarmos, cada um de nós foi naturalmente atraído para diferentes regiões desta terra, porque a parte para onde fui encaminhado parecia-se notavelmente com lugares que conhecera na Terra.

Também encontrei edifícios familiares.

Outras pessoas disseram-me o mesmo e, por isso, estou convencido de que, de acordo com a nossa raça e o nosso grau de desenvolvimento, somos automaticamente atraídos para diferentes regiões deste novo mundo.

É nesta terra que eu me encontro, assim como a maioria dos nossos.

E é para aqui que todos acabarão por vir, a seu tempo.

Continuamos os nossos estudos e o nosso trabalho de desenvolvimento espiritual, ao mesmo tempo que controlamos e eliminamos os poucos hábitos e pensamentos terrenos que ainda persistem.

Nesta terra temos uma consciência muito maior uns dos outros e a vida readquire uma semelhança muito mais forte com aquela que conhecíamos na Terra.

Temos os nossos lares da mesma forma e os nossos interesses nas outras pessoas.

Conforme os gostos de cada um, vivemos em casas ou em regiões campestres de colinas abertas.

Algumas pessoas habitam palácios muito elaborados e é curioso observar que muitas delas foram precisamente aquelas que tiveram vidas particularmente duras e difíceis na Terra.

A sua ideia do Céu consiste num palácio e numa vida de conforto.

Depois de um certo período de tempo, durante o qual devem realizar um progresso específico no seu desenvolvimento geral, essas pessoas recebem os seus palácios, para que possam beneficiar plenamente de um ambiente favorável à sua evolução.

Se não progredirem, perdem o palácio e precisam de voltar a qualificar-se para o recuperar.

Isto aplica-se a todos.

Cada pessoa tem de merecer aquilo que deseja.

E, para o conservar, deve continuar a progredir e a ajudar os outros.

Quando chegamos a esta terra, já deixámos de desejar comida, bebida e sono.

Somos agora puro espírito, embora ainda num estado imperfeito.

Ainda existe refinamento a realizar nesta fase seguinte.

Também aqui existem Casas de Repouso, Casas da Música, Casas de Investigação Científica e casas dedicadas a toda a espécie de conhecimento e informação.

A entrada em qualquer uma delas tem apenas um preço:

o desejo.

Não levamos uma vida de estudo incessante.

Vivemos uma vida semelhante à terrena, mas com um interesse social muito mais intenso, muito mais liberdade e uma troca de ideias muito mais ampla.

Não existem distinções de classe.

A nossa vida terrena pode ser esquecida, no que respeita às tarefas específicas que desempenhámos, se essas tarefas não tiveram verdadeiro significado para nós.

Aquilo que realmente influencia o progresso ou o atraso do indivíduo aqui é o conhecimento espiritual e mental adquirido.

E esse conhecimento não depende da profissão ou posição social que alguém ocupou na Terra.

Sob este aspeto, verifica-se um grande e súbito alargamento dos horizontes de todos os que chegam a esta terra.

É uma terra de liberdade.

Uma terra de felicidade e de sorrisos.

Uma terra de felicidade produzida pelo verdadeiro amor do homem pelo homem.

Uma terra pela qual vale a pena trabalhar.

Uma terra onde o lugar de cada um é determinado pelo conhecimento que adquiriu durante a vida terrena e pela forma como utilizou esse conhecimento.

É impossível exagerar o grau de liberdade existente neste novo mundo ou a alegria que todos experimentam nele.

Quando digo que a felicidade de cada um é medida pelo conhecimento adquirido na Terra e pela aplicação que dele fez, estou a afirmar algo rigorosamente exato.

Mas gostaria de explicar melhor.

Depois de estabelecida a residência neste Mundo Real, cada pessoa é entrevistada por um dos Instrutores Espirituais Avançados e todo o registo da sua vida terrena é discutido e analisado.

Razões.

Motivos.

Resultados.

O registo completo contém tudo.

Nada é omitido.

É então que chega o momento de pagar a conta.

Cada pessoa é entrevistada individualmente e todas as ações, acontecimentos e pensamentos são examinados minuciosamente.

Segue-se depois o processo de reparação.

A soma total deve ser paga.

Temos de responder por todas as nossas irreflexões, pelas nossas palavras e atos pouco bondosos.

Tudo aquilo que produziu consequências diretas deve ser compensado.

Passamos então um período em estreito contacto com a Terra para, através da nossa influência, reparar os erros do passado tanto quanto possível.

Ao mesmo tempo, possuímos agora o conhecimento completo e a visão integral dos resultados desses atos antigos.

E isso não traz felicidade.

Mas, depois de ultrapassado esse estado, quando conseguimos colocar todas essas coisas na perspetiva correta e elaborar um plano de trabalho que vá gradualmente corrigindo os problemas e sofrimentos que causámos, então cada um de nós pode finalmente instalar-se aqui e viver em liberdade.

A forma de vida difere aqui enormemente conforme o temperamento, a personalidade e a influência da vida terrena. As pessoas apresentam contrastes extraordinários entre si.

Muitos de nós continuamos a dedicar-nos ao mesmo trabalho que desempenhávamos na Terra. Aqui não temos necessidade de trabalhar para garantir a subsistência diária; trabalhamos exclusivamente para o refinamento espiritual e para o progresso. Ao mesmo tempo, mantemos contacto com os nossos antigos interesses terrenos como forma de recreação.

Não passamos todo o tempo, sem interrupção, numa casa ou noutra a estudar isto, aquilo ou aqueloutro. Temos um certo programa

a cumprir, mas esse programa inclui muitos intervalos e, durante esses momentos «fora de serviço», regressamos junto das pessoas que amamos na Terra e, por amor, interesse ou desejo de ser úteis, fazemos tudo o que podemos para ajudá-las nas suas dificuldades materiais e mentais.

Temos aqui todas as formas de recreação de que já vos falei ao descrever a Ilha Azul. Qualquer hábito ou passatempo adquirido na Terra pode ser praticado aqui, desde que seja compatível com o progresso.

Por isso, podem compreender que a vida após a morte é algo muito natural e normal.

Continuamos a ter os nossos afetos e aqueles que perduram permanecem como fortes laços de união.

Entre familiares e amigos existem os mesmos afetos — e, contudo, não exatamente os mesmos. Por vezes, na Terra, surgem divergências que criam afastamentos entre membros de uma família; porém, aqui, essa mesma família pode voltar a unir-se profundamente.

As diferenças terrenas baseavam-se frequentemente apenas em questões materiais. Quando se remove o elemento material e físico, muitas vezes o amor continua intacto por baixo de tudo o resto.

Uma das grandes mudanças trazidas pela morte é um ponto de vista muito mais amplo e uma mente muito mais aberta.

Uma compreensão mais profunda e uma intuição mais aguçada dissipam imediatamente muitas dificuldades e mal-entendidos do passado.

Uma vez chegados a este Mundo Real e ultrapassada a primeira iniciação, bem como o pagamento das dívidas acumuladas, somos livres para agir como desejarmos.

Mas temos de continuar a progredir; caso contrário, somos nós próprios que limitamos as nossas liberdades.

Não se trata de um progresso imposto.

Podemos avançar ao nosso próprio ritmo.

Mas não devemos permitir que os instintos terrenos recuperem poder sobre nós.

Temos de aprender as novas condições e viver inteiramente de acordo com elas.

Uma vez livres, podemos viajar à vontade pelo nosso mundo e pelo vosso.

A velocidade e o método de deslocação são tão extraordinários que conseguimos estar em dois lugares quase simultaneamente.

Por toda a parte sentimos a presença do amor mútuo.

É algo muito mais evidente do que na Terra e esse grande afeto constitui a causa direta da luminosidade e da irradiação geral deste mundo.

Não quero dizer que emita raios de luz físicos, mas antes que a atmosfera geral possui uma qualidade luminosa, extremamente revigorante e fortalecedora.

A vida aqui é algo mais grandioso, mais ousado e mais feliz para todos aqueles que viveram de forma razoável na Terra.

Mas, para os que viveram de forma irrefletida e desordenada, existem muitas dificuldades, problemas e tristezas a enfrentar.

Há uma grande verdade no ditado:

«Tal como semeardes, assim colhereis.»

CAPÍTULO XIII

RESULTADOS GERAIS

Já me encontro afastado da minha vida terrena há vários anos terrestres e, embora tenha mantido um contacto constante e ininterrupto com as minhas antigas circunstâncias e afetos, nunca mais, desde que deixei a Ilha Azul, senti qualquer desejo de regressar à Terra para nela habitar.

Houve muitas ocasiões em que desejei ardentemente possuir uma língua durante algumas horas.

Com a visão acrescida que agora possuo, percebi frequentemente qual era a solução correta para determinadas situações que estavam a ser mal conduzidas. Nesses momentos, desejei intensamente regressar à Terra durante uma hora para contribuir para grandes melhorias.

Fora desses impulsos passageiros, nunca senti vontade de voltar a residir na Terra.

As minhas viagens, os meus trabalhos e os meus estudos deste lado da sepultura têm sido de um interesse tão profundo e vital.

Desde que aqui cheguei adquiri mais conhecimento e pude transmitir parte desse conhecimento, em diferentes ocasiões, às pessoas que permanecem na Terra.

Desde o momento em que deixei o vosso mundo, tenho acompanhado com vivo interesse o seu desenvolvimento e permanecido atento a todas as suas dificuldades internas e externas.

O patriotismo continua vivo em mim, tal como na maioria de nós, e continuará enquanto eu conservar laços pessoais na Terra.

Quando esses laços deixarem de existir, os meus interesses voltar-se-ão gradualmente e naturalmente para este lado, para junto do meu próprio povo, e o meu lugar será ocupado por outro.

E assim prossegue a raça humana.

Sempre avançando.

Sempre progredindo.

Sempre evoluindo.

Ao olhar para trás e recordar tudo o que aconteceu desde a minha chegada à Ilha Azul, sinto grande satisfação ao contemplar o progresso alcançado.

A chegada a este mundo foi um verdadeiro choque para mim.

Quando começou aquele ano específico, eu não fazia ideia de que a minha morte estivesse tão próxima e certamente não desejava que ela acontecesse tão cedo.

Tinha um número enorme de assuntos importantes entre mãos.

Alguns deles consegui concluí-los depois da minha morte e acompanhei a evolução de muitos outros.

Pouco depois da chegada já me tinha adaptado às novas condições, ao novo aspeto de todas as coisas e às novas formas de locomoção e comunicação.

Aqui não falamos muito uns com os outros.

Dispomos de um meio muito mais expressivo e íntimo.

Os pensamentos são transmitidos diretamente de uma mente para outra sem necessidade de expressão verbal, embora possamos falar à maneira terrestre sempre que desejarmos.

Existem, naturalmente, muitas e profundas diferenças entre o meu mundo e o vosso.

Mas uma das mais abençoadas e misericordiosas diferenças é a forma como o mental deixa de estar limitado pelo físico.

Na Terra tendes ambições e desejos mentais de várias espécies: riqueza, sucesso nos negócios, prazer, poder, conhecimento e muitos outros.

Mas esses desejos encontram-se sempre limitados, restringidos e frequentemente impossibilitados pelas condições físicas.

Aqui, quando o desejo mental é bom, o campo de realização é ilimitado.

Qualquer desejo de verdade ou de conhecimento pode ser satisfeito de uma forma absolutamente extraordinária.

Se o desejo for mau, crescerá em força e terá de ser expiado.

Se for bom, também crescerá em força e trará consigo felicidade e poder.

Não consigo enfatizar suficientemente esta verdade:

Tal como sois agora, assim sereis depois.

Neste momento, enquanto vivem na Terra, estão a construir os corpos e as condições da vossa existência futura.

Essas condições são formadas pela vida que levam atualmente e pela qualidade dos vossos pensamentos.

Este mundo onde me encontro há já muito tempo é a coisa mais parecida com a Terra que se pode imaginar.

Está repleto de vida mineral, vegetal, animal e de todas as formas de existência.

Todos os animais que amaram na Terra e que educaram para a compreensão estarão convosco aqui.

Os outros animais, que não pertenciam particularmente a ninguém, também existem aqui, mas nos seus próprios lugares.

Dirão talvez:

— Então este mundo não passa de um reflexo do nosso.

Não.

Não é assim.

A Terra é que é um reflexo deste mundo.

A Terra não é o mundo permanente.

É apenas a escola preparatória.

Não estão na Terra apenas para acumular riquezas e desfrutar da vida pelo simples prazer de o fazer.

Estão lá para aprender a verdade acerca do vosso próprio carácter e para aprender a controlá-lo e desenvolvê-lo.

Devem usufruir plenamente de todas as belezas e prazeres da Terra, mas têm de permanecer senhores deles e não permitir que eles se tornem senhores de vós.

Como já disse, ao olhar para a minha vida aqui sinto-me satisfeito tanto com aquilo que foi realizado no plano pessoal como no plano mais amplo.

Nós, espíritos, realizámos grandes progressos na comunicação com a Terra.

Fomos imensamente ajudados pela força física dos espíritos de todos os jovens homens e mulheres que passaram para este lado durante os recentes conflitos ocorridos por todo o mundo.

Não apenas ingleses, mas de todas as nacionalidades.

Trouxeram consigo grande energia física e determinação, e graças a essa força conseguimos derrubar muitas das barreiras que mantêm os dois mundos separados.

Estas verdades não coincidem com as ideias de muitas pessoas, mas isso não constitui motivo para as considerar falsas.

A verdade é por vezes inesperada e nem sempre agradável.

Mas é sempre a força mais poderosa.

E acabará sempre por se revelar, quer traga prazer, quer traga dor.

Ide, cada um de vós, na realidade ou pela imaginação, até ao topo de uma falésia elevada sobre o mar.

Escolhei uma noite clara, estrelada e fria.

Ide sozinhos.

Permanecei ali e meditai.

Observai as luzes dos barcos ancorados no porto.

Pensai.

Depois erguei os olhos para as estrelas.

Sabem onde se encontram e veem claramente o brilho vacilante das luzes nos barcos.

Conseguem vê-las.

Estão apenas a uma pequena distância.

Talvez até conseguissem fazer-se ouvir se gritassem.

Mas seria mais fácil esperar que a escuridão desaparecesse para que eles vos pudessem ver sem qualquer esforço da vossa parte.

É exatamente assim que nós, espíritos, existimos.

Estamos conscientes daqueles que ficaram para trás.

Alguns de nós preferem esperar.

Outros lutam e esforçam-se por se fazer ouvir.

A distância entre a Terra e este estado espiritual é muito pequena.

Mas entre este nosso estado e a Grande Realidade Última existe tanta distância quanto aquela que separa a pessoa que está na falésia da estrela mais distante no céu.

Estamos apenas um pequeno trecho adiantados na nossa jornada.

Nada foi ainda esquecido.

O amor permanece.

CAPÍTULO XIV

O GRANDE DESTINO FINAL

A minha vida aqui tem sido uma experiência muito normal, saudável e interessante, tal como foi a minha vida na Terra.

Não fui investido dos poderes geralmente atribuídos aos espíritos ou às fadas. Continuo a ser apenas um homem comum, com uma visão simples, direta e franca da vida. A mudança não me alterou em essência.

A única transformação que ocorreu em mim foi uma maior capacidade para me mover rapidamente e agir com prontidão.

Fui rejuvenescido, e esta condição torna-se cada vez mais evidente com o passar do tempo.

Muitas pessoas que refletem sobre estes assuntos, qualquer que seja o seu ponto de vista, colocam a pergunta:

— Para onde conduz tudo isto? Qual será o nosso estado final?

É uma questão extremamente difícil de abordar devido às limitações da mente — tanto da vossa como da nossa.

Expliquei-vos que, tal como sois agora, assim sereis quando chegardes aqui.

Uma vez aqui, qualificar-vos-eis para um estado posterior, que vos caberá alcançar a seu tempo, e nele sereis exatamente aquilo que tiverdes feito de vós mesmos através da vida que aqui levardes.

Melhores ou piores.

Mais felizes ou menos felizes.

A partir daí passareis para um estado ainda mais elevado — outra esfera, se preferirem chamar-lhe assim — e, também aí, as vossas condições serão aquelas que vós próprios tiverdes criado.

Nesse estado mais avançado tornar-vos-eis mais autocontidos.

Utilizo esta palavra para descrever uma condição em que o indivíduo depende menos dos outros e das circunstâncias externas para o seu desenvolvimento e progresso.

Nessa esfera voltarão a confrontar-se com o registo completo da vossa existência.

Um registo integral de todos os estados anteriores.

E, a partir dessa esfera, se o vosso percurso o justificar, ser-vos-á dada a possibilidade de escolher regressar à Terra.

Reencarnar.

Se o vosso registo não vos qualificar para essa escolha, sereis orientados a regressar ou a prosseguir, conforme os Instrutores — os Purificados — considerarem que tal vos proporcionará maiores oportunidades para vos recriarem e purificarem da forma necessária.

É desta esfera que os espíritos regressam à Terra.

Mas, quando um espírito suficientemente evoluído alcança este estado, já esqueceu em grande parte os pormenores da sua ligação terrena.

Não posso indicar qual o período mínimo necessário para atingir esta esfera.

Mas posso dizer que a permanência no Mundo Real, depois da Ilha Azul, é muito mais longa do que a duração da vida mortal.

E, em cada esfera sucessiva, à medida que o progresso aumenta, também aumenta a duração da permanência.

Os espíritos que alcançam esta «Esfera do Regresso ou da Permanência» e que se encontram purificados e plenamente qualificados, aqueles que superam as provas e passam à Primeira Categoria, transitam para uma outra terra, completamente diferente e mais luminosa.

E cada um deles torna-se impessoal.

Impessoal no sentido de que já não são João Silva ou Maria Santos.

São agora seres puramente espirituais.

O amor que antes era pessoal e individual deixa de estar dirigido a uma pessoa em particular e passa a abranger todos por igual.

Todos são iguais para todos.

O mais puro tecido do Amor Divino une cada ser a todos os outros.

Dei apenas um breve esboço, suficiente para que possam formar as vossas próprias ideias e imagens mentais acerca da Criação e do seu processo.

Não faria sentido entrar em mais detalhes porque, mesmo que vos fornecesse os factos, não conseguiriam compreender as condições que regem esses estados avançados.

Nem eu próprio as compreendo plenamente.

Como já disse, estou apenas um pouco adiantado na minha jornada.

Mas suficientemente adiantado para compreender a intensa beleza da vida e da existência.

Como alguém que se encontra num ponto mais elevado do que vós e que consegue ver um pouco mais longe, posso explicar que nesses estados futuros não se recebe apenas cinquenta, sessenta ou mesmo cem por cento de felicidade e alegria.

Recebe-se algo comparável a seiscentos por cento.

Trata-se apenas de uma forma gráfica de indicar o grau de felicidade que aí existe.

Se eu pudesse descrever todos os processos da nossa evolução, muitos diriam:

— Mas eu não quero isso!

Contudo, quando tiverem progredido, quando a inteligência se tiver ampliado e quando a Realidade for vista como Realidade e não como Imaginação, então desejarão isso acima de tudo.

Se eu dissesse a um velho inválido sentado numa cadeira que podia ter uma motocicleta, ele responderia que preferia a sua cadeira.

Mas se voltasse a ser um rapaz robusto de dezanove anos, qual das duas coisas escolheria?

É este o princípio fundamental.

Não pensem que o plano do Universo é cruel, desagradável ou repleto de separações contínuas daqueles espíritos que nos são queridos.

Já vos disse que não existem separações.

É sempre possível e habitual que os espíritos mantenham contacto íntimo uns com os outros deste lado da existência.

Quando se alcançam os estados mais elevados do impessoal, não há separação dos seres amados.

Existe apenas uma abertura mais ampla da mesma porta do amor.

Um amor mais elevado.

Mais puro.

Um amor dourado.

Um amor divino.

Um amor que já não abraça uma ou duas pessoas, nem vinte, mas todos os seres sem exceção.

CAPÍTULO XV

CRISTO E O ESPIRITUALISMO

Infelizmente, a palavra «espiritualismo» foi associada a tantos equívocos que oferece amplo espaço para interpretações erradas.

Por essa razão, milhares de pessoas compreendem mal o termo e supõem que ele se relaciona apenas com formas de adivinhação, charlatanismo e toda a espécie de fraude.

Consequentemente, consideram-no algo errado, perigoso e necessariamente contrário a Cristo.

Por isso tornou-se um assunto interdito.

Estas pessoas não só nada sabem acerca dele como também ficaram tão horrorizadas com a caricatura que elas próprias criaram que recusam ouvir, ver ou ler qualquer coisa sobre o tema.

Para todos aqueles que possuem algum conhecimento do espiritualismo, esta atitude é cansativa e lamentável.

Contudo, ela existe ainda hoje e com grande força.

Neste capítulo final desejo dizer algumas palavras simples sobre esta questão.

O espiritualismo não é obra do Anticristo.

Todos os ensinamentos de Cristo podem ser encontrados nos ensinamentos do espiritualismo.

Cristo ensinou o amor entre os homens, a generosidade de pensamento e a ajuda mútua.

«Ama o teu próximo como a ti mesmo», e assim por diante.

O espiritualismo ensina essas mesmas doutrinas.

Cristo estava impregnado do Espírito Divino e estabeleceu leis segundo as quais os Seus discípulos deveriam modelar as suas vidas e o seu trabalho.

Nessas leis encontram-se também os princípios que regem o espiritualismo.

O facto de um dos discípulos ter sido um homem fraco e desonesto, e o facto de alguns trabalhadores religiosos, ao longo dos séculos e até aos nossos dias, terem sido igualmente fracos e pecadores, não leva ninguém a concluir que toda a obra de Cristo seja má ou perversa.

Todos reconhecem que os ensinamentos de Cristo eram do mais elevado nível.

Ele falou sempre do Amor como o laço unificador e a força de todo o bem.

Quero que compreendam, talvez pela primeira vez, que o espiritualismo se baseia exatamente nos mesmos fundamentos.

Todas as suas regras são regras dadas pelo próprio Cristo.

Todos os credos existentes na Terra assentam nesses mesmos princípios.

Diferem consideravelmente em aspetos secundários.

Aquilo que uma religião permite, outra condena.

Compete ao indivíduo decidir qual delas é mais adequada para si.

Através da sua escolha demonstrará a sua capacidade para compreender o significado das leis de Deus.

E, de acordo com o seu grau de desenvolvimento, assim escolherá.

Os ensinamentos de todas as religiões são limitados.

Algumas vão mais longe.

Veem mais longe.

Compreendem mais.

Tal como muitas estradas podem convergir para um mesmo destino, também muitos credos seguem, no essencial, os ensinamentos de Cristo.

Alguns percorrem caminhos estreitos e secundários.

Outros seguem estradas largas.

Outros ainda seguem grandes vias principais.

O espiritualismo é a Grande Via Principal de Deus.

FIM